

AÇÕES PARABÓLICAS

Uma análise do ensino de Jesus através de suas ações.

Dissertação de Mestrado

por

Claiton André Kunz

em cumprimento parcial das exigências
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
em Teologia para obtenção do grau de
Mestre em Teologia

Escola Superior de Teologia
São Leopoldo, RS, Brasil
Abril de 2006

BANCA EXAMINADORA

AÇÕES PARABÓLICAS

Uma análise do ensino de Jesus através de suas ações.

Autor: **Claiton André Kunz**

Presidente: **Dr. Uwe Wegner** (EST)

1º Examinador: **Dr. Nelson Kilpp** (EST)

2º Examinador: **Dr. Vilson Scholz** (ULBRA)

Aprovada em ____/____/____

KUNZ, Claiton André. Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2006.

SINOPSE

O presente trabalho é uma análise de um dos métodos de ensino de Jesus. As chamadas **ações parabólicas**, empregadas pelos profetas do Antigo Testamento, também são utilizadas por Jesus Cristo. A pesquisa procura atestar este uso e estabelecer alguns critérios referentes ao mesmo. Na primeira parte são examinados alguns aspectos gerais que dizem respeito às ações parabólicas, como por exemplo, sua conceituação, seu uso, o propósito de serem utilizadas e algumas de suas características. Na segunda parte, são abordados alguns aspectos mais formais das ações, no que diz respeito à análise da forma, à historicidade, à intencionalidade e também à interpretação. Nesta parte, especialmente na análise da forma, são estabelecidos alguns critérios para a identificação de ações parabólicas. Finalmente, na terceira parte, é apresentada a ação parabólica da Maldição da Figueira, relatada por Marcos e Mateus, como exemplo. As ações parabólicas são um meio de pregação, mas constituem-se em si mesmo a própria proclamação.

KUNZ, Claiton André. *Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2006.

ABSTRACT

This dissertation is an analysis of one of the Jesus' teachings methods. Parabolic actions, which were used by the Old Testament prophets, were also used by Jesus Christ. This research tries to attest this use and establish some criteria for its analysis. In the first part, some general aspects that they concern the parabolic actions are examined, as, for example, their conception, their use, the purpose for which they were used and some of their characteristics. In the second part, some formal aspects of the actions are examined, as, for example, literary form, historical analysis, intentional analysis and interpretation. In this part, especially in the analysis of the literary form, some criteria for the identification of parabolic actions are established. Finally, in the third part, by way of example, the parabolic action of the Cursing of the Fig Tree, as told by Marcos and Matthew, is analysed. Parabolic actions are a preaching method. But, much more than an aid to preaching or a way of illustrating a message, they themselves are the messages.

ações parabólicas

Uma análise do ensino de Jesus através de suas ações.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
I - ASPECTOS GERAIS DAS AÇÕES PARABÓLICAS	8
1.1 Conceitos	8
1.1.1 Parábola Relatada	8
1.1.2 Ação Parabólica	11
1.2 Uso de Ações Parabólicas	16
1.2.1 No Antigo Testamento	17
1.2.2 No Novo Testamento	20
1.3 Propósito	24
1.3.1 Parábolas Relatadas	25
1.3.2 Ações Parabólicas	29
1.4 Características	31
1.4.1 Parábolas Relatadas	32
1.4.2 Ações Parabólicas	36
II - ASPECTOS FORMAIS DAS AÇÕES PARABÓLICAS	43
2.1 Análise da Forma	43
2.2 Historicidade	51
2.3 Intencionalidade	57
2.4 Interpretação	61
III - ASPECTOS EXEGÉTICOS DE UMA AÇÃO PARABÓLICA ...	71
* Maldição da Figueira - Um exemplo	71
3.1 O Texto da Maldição da Figueira	72
3.2 O Contexto da Maldição da Figueira	77
3.3 A Figueira em Israel	81
3.4 O Significado da Figueira	85
3.5 A Interpretação da Maldição da Figueira	89
3.6 A aplicação da Maldição da Figueira	94
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103

INTRODUÇÃO

O Senhor Jesus Cristo, bem como os profetas e apóstolos, utilizaram diversos meios para proclamar os seus ensinamentos. A "palavra falada" era, por excelência, a forma de proclamação. Entretanto, em diversos momentos percebe-se o uso de outros recursos. Entre eles estão as ações parabólicas, utilizadas muitas vezes por Jesus Cristo e também pelos profetas do Antigo Testamento.

Diante desta constatação, pode-se perguntar sobre "o que exatamente é uma ação parabólica?" "como era utilizada?", "com que propósito foram representadas?", "que características possuem?" e "como devem ser interpretadas?". Estas perguntas serão norteadoras para a presente pesquisa.

Serão utilizados como base alguns estudos a respeito deste tipo de ações no Antigo Testamento, tendo em vista este estudo estar um pouco mais aprofundado. Há certa carência de material a respeito das ações parabólicas em Jesus Cristo. Foi encontrado apenas um artigo (de G. Stählin: *Die Gleichnishandlungen Jesu*), que procura analisar diretamente este gênero, embora de forma abreviada, como o próprio autor admite. Por isso serão feitas também pontes entre as parábolas relatadas e as ações parabólicas, pois possuem muitas semelhanças e características comuns.

Uma dificuldade que se apresenta é quanto à nomenclatura. Alguns autores utilizam a expressão "parábolas dramatizadas", outros "ações parabólicas", "ações simbólicas", e outros ainda "ações proféticas". Neste estudo, estes termos são intercambiáveis, dependendo do autor que estará sendo citado, dando-se preferência à designação "ação parabólica".

Inicialmente a pesquisa abordará questões mais gerais, como a conceituação, uso, propósito e características das ações simbólicas. Estas definições serão importantes para nortear o restante da pesquisa.

O passo seguinte será identificar alguns aspectos mais formais das ações parabólicas de Jesus, como a forma, a historicidade, a intencionalidade e a interpretação das mesmas. Isto será de grande importância para fixar critérios para a análise posterior de ações parabólicas.

Embora não se tenha encontrado nenhum estudo sistemático sobre as ações parabólicas de Jesus, diversos autores e comentaristas assim classificam algumas das ações de Jesus, o que facilitará o estudo em questão.

Finalmente, uma ação parabólica será analisada como modelo e exemplo do processo descrito anteriormente. Para tal, foi escolhida a maldição da figueira, relatada por Marcos e Mateus, e reconhecida por vários autores, como uma ação parabólica de Jesus.

I - ASPECTOS GERAIS DAS AÇÕES PARABÓLICAS

A Bíblia apresenta inúmeras formas literárias. Diversos autores classificam essas formas em gêneros maiores e gêneros menores. Dentre os gêneros menores encontram-se o que é chamado de **ações parabólicas**. Gustav Stählin afirma que "as ações de caráter parabólico e as parábolas pertencem à *mesma família*".¹ Krüger e Croatto também analisam as parábolas e as ações parabólicas dentro do **gênero parabólico**.² Portanto, para conceituar a ação parabólica, propõe-se inicialmente uma definição de parábolas "relatadas", conforme o seu uso mais comum, e, posteriormente, uma ampliação do conceito e sua diferenciação para ações parabólicas.

1.1 Conceitos

1.1.1 Parábola Relatada

Por parábolas relatadas compreende-se a narração de certo evento, que, embora possa ocorrer, não se pressupõe que tenha ocorrido de fato. Thayer dá um sentido lato de parábola. Ele descreve o termo grego **παραβολή** como "parábola, comparação de uma coisa com outra, semelhança, similitude (...). Uma narrativa, fictícia, mas de acordo com as leis e costumes da vida humana, na qual ou os deveres dos homens ou as coisas de Deus, particularmente a natureza e história do Reino de Deus,

¹ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 10.

² KRÜGER, R.; CROATTO, J. S. *Métodos exegéticos*, p. 130-132.

estão retratadas".³ Neste sentido é a explicação de algo desconhecido através de figuras conhecidas.⁴ Mediante a comparação entre o conhecido e o desconhecido, na qual o próprio ouvinte deve descobrir a semelhança (geralmente não mencionada, a fim de colocar em ação os processos mentais do ouvinte, de compreender, comparar e considerar), chega-se ao ponto essencial da analogia.⁵ Segundo Martínez

parábola é uma narração, mais ou menos extensa, de um acontecimento imaginário do qual, por comparação, se deduz uma lição moral ou religiosa. Etimologicamente, o nome *parabolê* corresponde ao verbo *paraballô*, que literalmente significa por ao lado, comparar. Em efeito, a parábola se caracteriza porque implica a comparação de objetos, situações ou atos bem conhecidos - tomados da natureza ou da experiência - com objetos ou atos análogos de tipo moral desconhecidos. Daqueles (a imagem) se deduzem estes (a realidade que se pretende ensinar). Imagem e realidade se encontram no *tertium comparationis* o ponto de comparação, comum a ambas.⁶

Zuck complementa, afirmando que a parábola é um tipo de linguagem figurada em que se fazem comparações; mas, em vez de usar uma só palavra ou expressão para a comparação ou analogia, como ocorre num símile ou numa metáfora, a parábola faz uma ampla analogia em forma de história. Apesar de ter base plausível, ela pode não ter realmente ocorrido com todos os detalhes como foi apresentada. Os acontecimentos históricos podem servir de ilustrações, mas as parábolas relatadas são

³ THAYER, J. H. *Greek-English Lexicon of the New Testament*, p. 479.

⁴ HOOVER, R. L. *Os Evangelhos*, p. 34

⁵ PEISKER, C. H. *Parábolas*. In: COENEN, L.; BROWN, C. (edits). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, p. 1570.

⁶ MARTÍNEZ, J. M. *Hermeneutica bíblica*, p. 451.

histórias especiais, não necessariamente fatos históricos, contadas para ensinar certa verdade.⁷

Konings afirma que parábolas são "faíscas de um pensamento vivo e concreto, que iluminam por um momento o conhecimento e dão uma intuição momentânea, que não precisa de explicação".⁸

Kenneth Bailey vai um pouco além, e afirma que as parábolas não são apenas ilustrações. Ele se baseia nas declarações de Manson que declara que "as mentes treinadas segundo o padrão ocidental de pensamento", estão acostumadas a argumentos teológicos expressos em abstrações; e, então, para ajudar a "popularizar essas conclusões," elas podem ser ilustradas com temas da vida comum. Manson continua: "A verdadeira parábola não é uma ilustração para ajudar a esclarecer uma discussão teológica; pelo contrário, é uma forma de experiência religiosa".⁹ Bailey faz um exercício para a compreensão desta teoria, a partir de um dito parabólico:

Em Lucas 9:57-58 o texto diz: "*Indo eles caminho fora, alguém lhe disse: 'Seguir-te-ei para onde quer que fores'*". Se Jesus fosse ocidental, pode ser que responderia mais ou menos assim: «É fácil fazer declarações ousadas, mas você precisa considerar seriamente o que lhe custará me seguir.

⁷ ZUCK, R. B. A Interpretação Bíblica, p. 225. Manson dá também a seguinte definição: "A parábola é um quadro em palavras de algum trecho da experiência humana, concreto ou imaginado. Mas, além disso, o quadro retrata ou um tipo ético para a nossa admiração ou reprovação, ou algum princípio da maneira de Deus dirigir o mundo, ou ainda ambas as coisas. A parábola espelha a compreensão e a experiência religiosa do seu criador... Na sua operação real, pois, toda verdadeira parábola é um apelo a uma vida melhor e a uma confiança mais profunda em Deus, cujos pormenores não são senão o lado divino e o lado humano da verdadeira religião, o verso e o reverso da mesma medalha". (Citado por ZABATIERO, J. P. T. Parábolas. In: BROWN, C. (edit). NDITNT, p. 452).

⁸ KONINGS, J. Jesus nos ensinamentos sinópticos, p. 30.

⁹ MANSON. Teaching. In: BAILEY, K. As parábolas de Lucas, p. 13.

Parece evidente que até agora você não o fez. Preciso dizer-lhe claramente que não lhe posso oferecer salário nem segurança alguma. Se as minhas palavras ainda não estão claras, talvez uma ilustração ajude: por exemplo, eu nem possuo cama para dormir». Mas Jesus responde: "As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos; mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça". Ao invés da declaração abstrata seguida de uma ilustração elucidadora, temos uma confrontação dramática, expressa com brevidade em termos inesquecíveis uma afirmação sublime a respeito da pessoa de Jesus permeia a resposta parabólica. Um impacto é causado no ouvinte/leitor que demanda uma reação. As implicações teológicas obrigam a mente a sair deste centro compacto, em inúmeras direções. Não foi registrada a resposta do discípulo original. O leitor precisa responder agora. Tudo isto acontece a uma só vez, em uma confrontação intensa e dramática. Uma parábola foi proferida! Presumir que podemos capturar tudo o que acontece em uma parábola em uma definição abstrata é entender mal a sua natureza. Entretanto, precisamos tentar. As parábolas de Jesus são uma forma concreta e dramática de linguagem teológica que força o ouvinte a reagir".¹⁰

Fee concorda com esta idéia, quando usa palavras de Marshall McLuhan, dizendo que "a própria parábola é a mensagem".¹¹ Assim, é contada para dirigir-se aos ouvintes e cativá-los, a fim de fazê-los parar e pensar acerca das suas próprias ações, ou de levá-los a dar alguma resposta.¹²

1.1.2 Ação Parabólica

Existem inúmeras ocasiões nos Evangelhos, onde o ensino de Jesus foi mediado através de ações parabólicas. Nestas ocasiões, a ação de Jesus não foi simples ilustração para auxiliar a expressão verbal, mas o ensino, que era não-verbal,

¹⁰ BAILEY, K. As parábolas de Lucas, pp. 13-14.

¹¹ FEE, G.D. & STUART, D. Entendes o que lêes?, p. 125.

¹² Interessante notar que o vocábulo português "palavra", provém deste mesmo termo grego *parabolê*. Nascentes afirma que, como tal, "palavra" é uma comparação sob a qual se oculta uma verdade importante. (NASCENTES, A. Dicionário etimológico da língua portuguesa, p. 374).

estava contido na própria ação. A ação de Jesus, nestes casos, era geralmente cuidadosamente planejada. Algum comentário verbal ou explicação podia vir a seguir, mas a própria ação era parabólica e significava o ensino pretendido.¹³ Quanto a estas ações, Fohrer afirma que na área da literatura elas encontram seu paralelo não na alegoria, mas na parábola.¹⁴

Quando Stählin afirma que as ações de caráter parabólico e as parábolas pertencem à mesma família, afirma que

"elas têm em comum, que, com uma ilustração, uma verdade é apresentada, e que escondem uma ou mais realidades ou verdades e, ao mesmo tempo, as tornam manifestas. Também, a ação parabólica reforça algo, que preliminarmente é visto, dando mais ênfase, mais especificidade, do que se fosse falado/pregado sem ilustração."¹⁵

Ballarini considera que as ações parabólicas "exprimem uma determinada realidade ou verdade com extrema evidência, bastando poucas palavras, as quais ordinariamente acompanham a ação, para nos dar o seu significado".¹⁶ Percebe-se, entretanto, que as palavras são, em alguns casos, desnecessárias, pois a própria ação parabólica fala por si.

Fohrer discute a questão, afirmando que os atos parabólicos não podem ser vistos apenas como *media predicandi* (meios de proclamação), mas que eles se colocam ao lado da palavra

¹³ STEIN, R. *The method and message of Jesus' teachings*, p. 25.

¹⁴ FOHRER, G. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: *Profetismo*, p. 85.

¹⁵ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 10.

¹⁶ BALLARINI, T. Profetismo bíblico, p. 53.

falada e constituem eles mesmos uma *predicatio* (proclamação).¹⁷ Declara ainda que os atos parabólicos cumprem a sua finalidade mesmo quando seu sentido permanece desconhecido dos atingidos. Isto indica que se trata de um processo que não consiste apenas de proclamação ou de ação interior, mas sim que se acredita ter ele uma poderosa força de atuação: a vontade e a palavra de Javé.¹⁸

A ação parabólica tem as mesmas propriedades que a palavra profética, as mesmas propriedades que o mundo bíblico reconhecia à Palavra. Este mundo era sensível de modo particular ao aspecto dinâmico da palavra. Por serem discursos em ato, palavra em ação, as ações parabólicas eram mais aptas para significar a eficácia para a qual tendia a palavra do profeta. Assim, o mistério de Deus não é simples palavra; ele é também, e principalmente, realidade. A ação parabólica já era alguma coisa desta realidade.¹⁹

Martínez é da opinião de que o profeta deixava de ser simplesmente proclamador da palavra para converter-se em ator. Assim, ele não se limitava apenas a falar ou a ter uma visão, mas devia atuar, e sua atuação principal era assimilar

¹⁷ FOHRER, G. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: Profetismo, p. 64.

¹⁸ Ibidim, p. 81. Faibarn afirma que ao adotar este método, a sabedoria divina escolheu dentre vários meios os que se adaptavam de modo eficiente para assegurar aos homens o significado da vontade de Deus (FAIBARN, P. La profecía: sua naturaleza, función e interpretación, p. 366).

¹⁹ MONLOUBOU, L. Os profetas do Antigo Testamento, p. 39.

pessoalmente a Palavra de Deus.²⁰ J. Jeremias atribui este mesmo conceito para Jesus:

As ações parabólicas de Jesus são pregação. Jesus não só pregou a mensagem das parábolas, mas também as viveu e as corporificou em sua pessoa. Jesus não só *fala* a mensagem do reino de Deus, ele a *é* ao mesmo tempo.²¹

Stählin lembra que, em Jesus, estão presentes os mesmos poderes motores humanos como nos profetas, as mesmas visões daquela época, o dramático impulso dos orientais em forças poéticas, os quais também pertencem, sem dúvida, à personalidade humana de Jesus. Mas tudo isto são apenas forças auxiliares de uma compreensão mais profunda e específica: com as ações parabólicas, os mensageiros de Deus alcançam o ser humano na sua essência profunda, um ser humano daqueles tempos, como os de hoje, de visão típica, na sua maioria. E, antes de tudo, as atitudes parabólicas são, de certa forma, uma **transformação corporal da mensagem**, o verbo se tornou carne, uma forma misericordiosa da condescendência divina.²²

Neste sentido, Baudler chega a afirmar que Jesus revela ao ser humano o Reino de Deus, sendo ele próprio "**a parábola singular de Deus**".²³

Stählin afirma ainda que, assim também se explicam, pelo menos parcialmente, algumas atitudes passivas de Jesus, onde Jesus admitiu deixar acontecer algo em si, como o escárnio, a

²⁰ MARTÍNEZ, J. M. *Hermenêutica bíblica*, p. 185.

²¹ JEREMIAS, J. *As parábolas de Jesus*, p. 228.

²² STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 16.

²³ BAUDLER, G. *A figura de Jesus nas parábolas*, p. 283.

crucificação entre os malfeitores, e o furo pela lança. Stählin menciona que, na realidade, Jesus foi o autor destes atos, o "***spiritus rector***", principalmente no seu batismo e na entrada de Jerusalém. Em todos os atos e atitudes, Ele é o ator principal, tornando-se pessoalmente parábola, porque, contrariamente a todos os outros profetas, Ele está inserido na sua mensagem. Enquanto os profetas de Deus apresentavam o destino de seu povo, Jesus apresenta, nas suas atitudes, o sentido de sua própria missão.²⁴

Pode-se considerar, portanto, que as parábolas, tanto relatadas como dramatizadas, foram um recurso largamente utilizado pelos profetas e, especialmente, pelo Senhor Jesus Cristo. As semelhanças entre as parábolas relatadas e as ações parabólicas ficam evidentes, podendo ser estudadas de forma paralela, relacionando diversos aspectos entre as mesmas.

Assim como a parábola relatada não é simplesmente uma ilustração de uma verdade, mas é a própria mensagem que era proferida, também a ação parabólica vem a ser a própria mensagem do profeta ou de Cristo. Portanto, não é apenas um meio de proclamação, mas a própria proclamação.

²⁴ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 16.

1.2 Uso de Ações Parabólicas

Sem sombra de dúvida, a grande maioria dos ensinamentos dos profetas, assim como do Senhor Jesus, e dos apóstolos do Novo Testamento, aconteceu através da palavra falada. Entretanto, um número considerável de ações pode ser listado entre aquelas que foram intencionalmente utilizadas para transmitir algum ensinamento específico.

Jesus poderia ter se dado por satisfeito com o falar figurativamente; por que, então, também fazer uso de ações parabólicas? Como resposta, deve-se citar preliminarmente que Jesus agia assim por tradição, usando referências e exemplos de atos e pronunciamentos dos profetas do Antigo Testamento e também dos sacerdotes israelitas. Especialmente nos profetas maiores, pode-se observar atitudes parabólicas muito curiosas.²⁵

Georg Fohrer alista alguns gestos da vida cotidiana que foram utilizados: uso do calçado (Êx 3.5; Dt 25.9.s; Js 5.15; 2Sm 15.30; Sl 60.10; 24.7), do juramento e do voto (Gn 14.23; 24.2; 47.29), do direito (Dt 25.11s), simbolismo do sal (Jz 9.45), do relacionamento mútuo (Gn 30.3; Ez 16.8; Rt 3.9), colocar o pé sobre os inimigos (Js 10.24; Is 51.23; Sl 110.1),

²⁵ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 15.

sacudir a poeira (4Ed 1.8; Mt 10.14), despejar água (1Sm 7.6); cf. ainda Ne 5.12s; 1Sm 11.6ss; 13.27s; 20.20ss,35ss.²⁶

Além destes atos, não necessariamente proféticos, da vida cotidiana dos israelitas, podem ser alistados inúmeros outros, conforme relação a seguir.

1.2.1 No Antigo Testamento

Entre os profetas escritores tem-se uma longa lista de ações parabólicas proféticas. Além disto, os livros históricos trazem algumas situações que, de acordo com vários autores, podem ser classificadas como tais.

Em 1Rs 11.30-32, pode-se ver que o profeta Aias de Silo anunciou a Jeroboão a divisão e a separação dos dois reinos, através do ato de rasgar o seu manto em pedaços. Sedecias, filho de Canaana, anunciou a Acab que ele "exterminaria" os arameus, brandindo "chifres de ferro", conforme 1Rs 22.11. Já um profeta anônimo montou uma cena para mostrar a Acab a falta que ele havia cometido, ao deixar livre o rei Ben-Hadade após o Senhor tê-lo entregue em suas mãos (1Rs 20.35-43).²⁷

²⁶ FOHRER, G. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: Profetismo, p. 63.

²⁷ MONLOUBOU, L. Os profetas do Antigo Testamento, p. 37. Sobre a última destas três ações parabólicas, o presente autor desenvolve um estudo em forma de estrutura quiástica, com o sub-título "A parábola do profeta ferido" (KUNZ, C. A. Interpretação de parábolas. In: Vox Scripturae, Vol. XII, N° 1, 2004. p. 3-24).

Ballarini alista também o chamado de Eliseu (1Rs 19.19-21), como uma ação simbólica/parabólica²⁸, na qual Elias lança o seu manto sobre Eliseu e, posteriormente, este imola a sua junta de bois e os coze com o seu arado. Fohrer refere-se à profecia final de Eliseu, quando o rei Jeoás o visita, e este é orientado a lançar uma flecha ao oriente e depois contra a terra, também como uma ação simbólica/parabólica profética.²⁹

Em Isaías pode-se ver várias parábolas dramatizadas. Martinez afirma que o profeta, seguindo a palavra de Deus, andou nu e descalço por três anos, como sinal e presságio sobre Egito e Etiópia, cujos cativos seriam deportados pelo rei da Assíria em condições idênticas (Is 20.2).³⁰ Em Isaías, também, podem ser considerados como atos parabólicos os relatos em que o profeta deve levar o seu filho, cujo nome era "Um Resto Volverá", para ser apresentado diante do Rei Acaz (Is 7.3). Mais adiante, Isaías recebe a ordem de escrever, diante de testemunhas, o nome "Rápido-Despojo-Presa-Segura" sobre uma ardósia grande. O mesmo texto afirma que Isaías deveria nomear o seu filho com esta expressão (Is 8.1-4).³¹

Em Jeremias podem ser observadas as ações parabólicas do vaso do oleiro (Jr 18.1-6), a compra e o uso de um cinto de linho (Jr 13.1-11), a aquisição, exposição diante do povo e quebra

²⁸ BALLARINI, T. *O profetismo bíblico*, p. 53.

²⁹ FOHRER, G. *Die symbolischen Handlungen der Propheten*, p. 20-21.

³⁰ MARTINEZ, J. M. *Heremênutica Bíblica*, p. 186.

³¹ FOHRER, G. *O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas*. In: *Profetismo*, p. 68.

de um vaso de barro (Jr 19.1-10), a construção, auto-imposição e distribuição dos canzis (Jr 27.1-3), e a colocação de grande pedras cobertas de barro à porta do palácio de Faraó em Tafnes (43.8-13).³² Jeremias também devia permanecer sem fazer algumas coisas, o que pode ser considerado igualmente como ação parabólica: deveria permanecer sem se casar (Jr 16.1-4), não poderia entrar em casa enlutada, nem participar de qualquer lamentação (Jr 16.5-7), não poderia entrar em nenhuma casa em festa (Jr 16.8-9).³³ Além destes, a quebra dos canzis de Jeremias pelo profeta Hananias (Jr 28.10-11), a compra do campo de Hananeel, primo de Jeremias (Jr 32.1,7-15), e o livro que Seraías deveria atar numa pedra e lançar no rio Eufrates (Jr 51.59-64), também são ações parabólicas.³⁴

Ezequiel deveria preparar a sua bagagem para o exílio e sair à vista de todo o povo. Deveria abrir um buraco na parede de sua casa e sair por ali, levando a bagagem aos ombros e com o rosto coberto, simbolizando que estava indo para o exílio (Ez 12.1-11).³⁵ Ezequiel também ficou trancado em sua casa, mudo e atado (Ez 3.24-27), imitou o cerco da cidade (Ez 4.1-3), deitou-se de um lado e de outro, representando o estado de prostração ao qual seriam reduzidos os dois reinos (Ez 4.4-17), com os fios de sua barba e de seus cabelos cortados sugeriu o destino trágico do povo (Ez 5.1-3), comeu um

³² MARTINEZ, J. M. *Hermenêutica Bíblica*, p. 186.

³³ FOHRER, G. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: *Profetismo*, p. 69-70.

³⁴ Idem. *Die symbolischen Handlungen der Propheten*, p. 31-34.

³⁵ FAIBARN, P. La profecía: sua naturaleza, función e interpretación, p.369.

alimento de miséria mostrando assim a sorte reservada aos exilados (Ez 12.17-20), recusou-se a cumprir os ritos de luto quando da morte súbita de sua mulher (Ez 24.15-17), e, finalmente, unindo em suas mãos dois bastões, indicou a união futura dos dois reinos (Ez 37.15-28). Todas estas representações são consideradas por Monloubou como atos simbólicos/parabólicos.³⁶

Talvez uma das ações simbólicas/parabólicas mais impressionantes seja a do profeta Oséias, do seu matrimônio com uma mulher adúltera. Embora haja uma discussão sobre a historicidade do texto, os autores a consideram como uma ação simbólica/parabólica.³⁷

Finalmente, a última dramatização encontrada no Antigo Testamento, é registrada em Zacarias, na qual o profeta deveria fazer uma coroa e colocá-la sobre a cabeça de Zorobabel (Zc 6.9-15).³⁸

1.2.2 No Novo Testamento

No Novo Testamento, pode-se ver em alguns momentos a tradição das ações parabólicas; embora não sejam em tão grande número, são sempre significativas. Monloubou considera que a veste e o alimento de João Batista, apoiavam o seu apelo profético à penitência (Mc 1.6).³⁹ Pohl argumenta:

³⁶ MONLOUBOU, L. *Os profetas do Antigo Testamento*, p. 38.

³⁷ LETE, G. del O. *La vocación del líder en el antiguo Israel*, p. 216-227.

³⁸ FOHRER, G. *Die symbolischen Handlungen der Propheten*, p. 47-48.

³⁹ MONLOUBOU, L. *Os profetas do Antigo Testamento*, p. 38.

É claro que o cinto de couro, a roupa grosseira de pêlos de camelo e a alimentação com gafanhotos cozidos ou torrados e o mel tirado de fendas nas rochas ou árvores ocas, serviam para caracterizar qualquer morador do deserto (cf. Mt 11.8). Eram tudo coisas que se conseguia fora do mundo civilizado. O que chama a atenção é a abstinência de carne e vinho. Tudo isto é mencionado aqui com destaque e aponta para a simplicidade proverbial dos homens de Deus (Is 20.2; Zc 13.4; Mt 7.15; Hb 11.37). Naturalmente nem todas as pessoas simples são profetas, mas provavelmente os profetas são pessoas simples, na medida do possível independentes em sua vida exterior.⁴⁰

No livro de Atos dos Apóstolos, lembrando os moldes dos profetas do Antigo Testamento, encontra-se a maneira sugestiva do profeta Ágabo prever o que aconteceria com o apóstolo Paulo em Jerusalém (At 21.11). Werner de Boor afirma:

Assim como também fizeram os antigos profetas (cf. Is 20.23; Jr 13.1-11; 19.10s), Ágabo demonstra sua profecia através de uma ação simbólica. Com o "cinto" dele, i. é, com um pano comprido que é atado à cintura como um cinto, ele "amarra as suas próprias mãos e pés" [NVI]. "Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus em Jerusalém, farão ao dono deste cinto e o entregarão nas mãos dos gentios".⁴¹

Entretanto, com toda certeza, no período do Novo Testamento, foi Jesus quem mais se serviu deste recurso de ações parabólicas. Estima-se que um terço do seu ensino oral tenha sido proferido em forma de parábolas relatadas.⁴² Joaquim Jeremias, um dos maiores eruditos na área de parábolas, após o seu estudo das parábolas de Jesus, acrescenta um comentário sobre a existência de ações parabólicas no ministério de Jesus.

⁴⁰ POHL, A. Evangelho de Marcos, p. 52.

⁴¹ BOOR, W. de. Atos dos Apóstolos, p. 305.

⁴² SCHOLZ, V. Um método de estudar as parábolas. In: Simpósio, vol. 7, ano XXI, n° 33, p. 81.

Entre as ações identificadas por J. Jeremias pode-se citar: a concessão de comunhão de mesa aos desprezados (Lc 19.5s) e sua recepção em casa (Lc 15.1-2), e até mesmo no círculo dos seus discípulos (Mt 2.14; Mt 10.3); a recusa do jejum (Mc 2.19); a atribuição do apelido de *Kephas* (= pedra) a Simão (Mt 16.17); a escolha dos doze apóstolos; a entrada triunfal em Jerusalém e a escolha do jumento como animal de montaria nesta entrada (cf. Zc 9.9); a colocação de uma criança diante dos discípulos, abençoando-a (Mc 9.36); o momento em que Ele lava os pés de seus discípulos (Jo 13.1ss); o escrever sobre a areia no caso da mulher adúltera (Jo 7.53ss); e o choro de Jesus sobre Jerusalém.⁴³

Stein identifica algumas outras situações, considerando-as também como ações parabólicas. Entre elas pode-se citar: o encontro de Jesus com Zaqueu (Lc 19.1-6); a escolha dos doze apóstolos (Mc 3.14-19), que é reforçada em seu simbolismo na escolha do substituto Matias (At 1.15-26), para que o número seja mantido; o batismo de Jesus no Jordão (Mc 1.9); a multiplicação dos pães (Mc 6.32-44; 8.1-10); a ida de Jesus a Jerusalém para seu sacrifício final (Mc 10.33-34, c/ Lc 13.33); a maldição da figueira (Mc 11.12-14); a purificação do templo (Mc 11.15-17); o silêncio de Jesus diante das autoridades (Mc 14.61 e 15.5); a ordem de sacudir o pó dos pés, onde seus discípulos não fossem recebidos (Mc 6.11); a

⁴³ JEREMIAS, J. As parábolas de Jesus, p. 227-228.

transformação de água em vinho, nas Bodas de Caná da Galiléia (Jo 2.1-11); e a ressurreição de Lázaro (Jo 12.25-44).⁴⁴

Stählin também faz a sua lista dos atos que “pertencem à categoria das ações de caráter parabólico”: o ato de pesca de Pedro, a unção em Betânia, o lava-pés, a santa ceia, o casamento de Cana, a transfiguração, a entrada e a purificação do templo, também todos os convites que Jesus fez e recebeu, todas as curas, principalmente dos cegos e mudos, as curas de leprosos e endemoniados, bem como ressurreição dos mortos, o caminhar sobre o mar, a maldição da figueira e muitas outras histórias. Ele admite que sobre muitos destes relatos naturalmente haverá divergência se estas eram, de fato, ações parabólicas.⁴⁵

Stählin lembra ainda que há uma aglomeração especial de ações parabólicas nas últimas semanas de Jesus. Isto, em si, já realça a importância da história e mensagem de Jesus. Enquanto, antes, as ações são transmitidas isoladamente em geral e somente posteriormente reunidas em unidades, neste período final há os entrelaçados entre si. Temos já no início, a união da entrada em Jerusalém, a purificação do templo e a maldição da figueira e, um pouco menos entrelaçado, a unção, o lava-pés e a Santa Ceia. Justamente as duas primeiras ações citadas tornam-se um par inseparável. Isto significa que o

⁴⁴ STEIN, R. *The method and message of Jesus' teachings*, p.25-27.

⁴⁵ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 10-11.

tempo do novo mundo está chegando, está aqui, iniciando com a entrada triunfal do rei para assumir a posse e a renovação do Templo e de seus cultos divinos. Jesus constituiu ambas propositalmente para demonstrar que agora se dá o início do verdadeiro reinar de Deus, e que agora é o início da verdadeira veneração divina. Idêntica é a situação do ato de maldição da figueira. Isto não é um milagre de castigo, como se atribui, mas uma ação pura do significado - agora o juízo chegou e está aqui. Assim o juízo chegou aos seres humanos, onde Deus procura, sem êxito, frutos.⁴⁶

Obviamente, estas listas de exemplos dadas pelos autores necessitam de uma análise criteriosa. No capítulo II serão estabelecidos alguns critérios que podem ajudar a identificar uma ação parabólica.

1.3 Propósito

Nesta discussão sobre as ações parabólicas, é importante definir o porquê das mesmas serem utilizadas ou serem escolhidas como método para o ensino. Assim, pode-se perguntar qual era o propósito do profeta ou do Senhor Jesus ao lançar mão deste recurso. Primeiramente, será analisado o propósito do uso de parábolas relatadas, a respeito do qual o próprio Jesus esclarece os motivos, e, posteriormente, será abordado o propósito do uso de ações parabólicas.

⁴⁶ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 21.

1.3.1 Parábolas Relatadas

Antoniazzi afirma que a parábola é um espelho. Serve para que os ouvintes enxerguem, através dela, o que sem ela não poderiam ver: seu próprio rosto, sua própria realidade. Declara, ainda, que algumas pessoas, insatisfeitas, preferem às vezes quebrar o espelho, em vez de tentar mudar o seu rosto. Assim são duas as reações fundamentais às parábolas de Jesus: uns rejeitam Jesus e querem matá-lo (cf. Mc 3.6; 12.12); outros percebem que podem mudar de vida e seguir Jesus.⁴⁷

A pergunta decorrente é: Que finalidade guiava Jesus no uso das parábolas? Tinham elas uma intenção positiva ou negativa? Eram um veículo de revelação ou de ocultação? Aclaravam ou obscureciam os ensinamentos que Jesus queria comunicar? A dificuldade surge dos textos básicos de Mateus 13.10-17, Marcos 4.10-12 e Lucas 8.8-10.

Logo após Jesus ter relatado algumas parábolas, estando ele com os doze e mais alguns (Mc 4.10), foi-lhe interrogado a respeito das mesmas.⁴⁸ *"A vós outros vos é dado o mistério do Reino de Deus"*, é a resposta de Jesus (v.11a). Para Bornkamm,

⁴⁷ ANTONIAZZI, A. O segredo que poucos alcançam. In: ESTUDOS BÍBLICOS. Ele caminha a vossa frente, p. 39. Antoniazzi continua, afirmando que a parábola: "1) desvenda algo do futuro (o Reino!) que ainda não percebíamos; 2) a partir daí, obriga-nos a rever o passado, a romper com os velhos esquemas; 3) a parábola, enfim, leva a uma decisão no presente: acolher Jesus e sua Palavra, ou recusá-lo e persegui-lo" (p. 40).

⁴⁸ Pohl afirma que não se trata de pessoas presentes aleatoriamente, mas de um círculo íntimo de seus seguidores. A pergunta dos discípulos não se refere especificamente à parábola do semeador, mas a toda uma série de "comparações", na verdade à maneira em si da pregação de Jesus. (POHL, A. Evangelho de Marcos, pp. 153-155).

há um mistério oculto nas parábolas que não é outra coisa senão o oculto desabrochar do próprio Reino de Deus, no meio de um mundo, que aos olhos dos seres humanos, nada disso revela.⁴⁹ Na verdade, o *mistério* transmitido aos discípulos não foi o reinado de Deus em si, mas uma parte dele, ou seja, o ponto de sua concretização, que é a pessoa e ação do próprio Jesus.⁵⁰ Rienecker diz que este mistério (*μυστήριον*) é aquilo que o ser humano não pode conhecer à parte da revelação divina.⁵¹

Mas Jesus afirma também que *"aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas,⁵² para que vendo, vejam, e não percebam; e ouvindo, ouçam, e não entendam, para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles"* (Mc 4.12). Esta palavra, que faz alusão a Isaiás 6.9-10, é o ápice da resposta de Jesus e requer toda a atenção. Assim como o insucesso da pregação de Isaiás não fora um acidente, assim também seria com Jesus. Muitos não iriam crer. Mas Ele também sabia que, como em Is 6.13, um novo povo de Deus se formaria como centro da nova raça humana.

⁴⁹ BORNKAMM, G. *Jesus de Nazaré*, p. 66.

⁵⁰ POHL, A. *Evangelho de Marcos*, p. 157.

⁵¹ RIENECKER, F. *Chave lingüística*, p. 72. Corroborava também o verbo *δέδοται*, que está no tempo perfeito e na voz passiva, sendo corretamente traduzido por *"vos é dado"* o mistério. Pohl afirma, ainda, que apesar disto, eles precisam continuar recebendo (v.25); a entrega total já está prevista, mas ainda não realizada. (POHL, A. *Op. cit.*, p. 157).

⁵² Pohl descreve "os de fora" da seguinte maneira: "São como pessoas que contemplam os vitrais maravilhosos de uma igreja apenas da rua e, por isso mesmo, não os acham interessantes, porque não vêem a luz passando por eles. Assim é a incompreensão da multidão aqui. Ela acolheu os preconceitos dos seus líderes em vez de passar a seguir a Jesus. Agora era testemunha ocular e auricular de Jesus, como os discípulos, mas só de fora e, por isso, cega e surda" (POHL, A. *Op. cit.*, p. 157).

Esta palavra naturalmente é dura. Mas de forma alguma ensina que uma parte dos ouvintes da pregação está condenada aleatoriamente, sem motivo. Isaías estava pregando a um povo que preferia ser destruído do que voltar a Deus (Is 1.5-6). Por isso, Deus lhes envia o seu oficial de justiça. Assim, Deus fez, através de Isaías, que estas pessoas fossem o que eram, culpadas. Elas precisavam ver que estavam perdidas em si mesmas. Este processo não podia e não devia ser atalhado por uma conversão barata. Nesta fase, o próprio Deus bloqueou o retorno. Quando Isaías perguntou por quanto tempo teria aquela tarefa, a resposta foi que seria até o pleno êxito, ou seja, até que a árvore velha caísse, o toco ficasse descoberto, dando lugar a um broto novo (Is 1.11-13). Assim, a Palavra de Deus mata para vivificar. Um dia, os surdos haveriam de ouvir e os cegos de ver (Is 42.20; 43.8).⁵³

Vista de perto, a pregação de Isaías foi um último chamado ao arrependimento. Assim aconteceu com Jesus. Ele iluminou a profundidade do conflito que se abria.⁵⁴ Isto não significa que Jesus, que foi enviado por Deus para proclamar a redenção dos homens caídos e pecadores, escondeu esta mensagem através de parábolas incompreensíveis. É necessário entender o contexto um pouco mais amplo no qual se encontram esses versículos. No

⁵³ POHL, A. *Evangelho de Marcos*, p. 158.

⁵⁴ Um paralelo em Ap 22.11 pode esclarecer esta atitude. Encontra-se ali uma exortação de continuar fazendo injustiça e sendo imundo. Mas o sentido é: Se alguém está disposto a não se deixar advertir, então continue em frente! Torne-se totalmente o que é e assuste-se consigo mesmo, para sua salvação. (*Ibidem*, p. 158).

capítulo anterior, Marcos relata que Jesus encontrara descrença, blasfêmia e oposição direta. Foi acusado de estar possuído por Belzebu e de expelir demônios pelo príncipe dos demônios (Mc 3.22). O contraste que Jesus apresenta é entre os seguidores e oponentes, entre os que aceitavam e os que rejeitavam a revelação de Deus. Os que fazem a vontade de Deus recebem a mensagem das parábolas porque pertencem à família de Jesus (Mc 3.35). Os que tentam destruir Jesus (Mc 3.6) não conhecem a salvação, por causa da dureza de seus corações.⁵⁵

Zuck afirma que "a resposta a este dilema está no caráter dos ouvintes".⁵⁶ Como os doutores da lei (3.22) já haviam expressado sua incredulidade e rejeitado a Jesus, eles revelaram o endurecimento de seus corações. Assim, não tinham condições de compreender o significado das parábolas de Jesus. Jesus não estava primordialmente interessado no estímulo intelectual de seus ouvintes, mas numa resposta destes logo ao ouvir a parábola. O uso que Jesus fez das parábolas não estava motivado pelo desejo de levar seus ouvintes à percepção de alguma verdade profunda e mística, mas a uma resposta decisiva de arrependimento, fé, esperança e amor.⁵⁷

⁵⁵ Isto está de acordo com João 3.3, que diz: "se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus".

⁵⁶ ZUCK, R. B. A interpretação bíblica, p. 229.

⁵⁷ WALLACE, D. H. Interpretación de parabolos. In: TURNBULL, R. G. Hermeneutica, p. 25.

1.3.2 Ações Parabólicas

A pergunta que precisa ser feita agora é: Porque Jesus fez uso também do método nos seus atos? Stählin é enfático ao dizer que "uma das respostas a esta pergunta, sem dúvida, será a seguinte: para Jesus, "tudo" é utilizado para demonstrar seu envio".⁵⁸

Pode-se ver a íntima convicção do envio de Jesus na sua mensagem. Tem-se aqui uma segunda resposta à pergunta: em Jesus TUDO é expressão de sua mensagem. A mensagem de Jesus descreve fatos sobre um mundo diferente, do além, e, portanto, por não ser deste mundo, não pode ser falado em línguas deste mundo perante os ouvidos humanos, mas somente figurativamente, extraídos do mundo terreno. Daí resulta que toda ação figurativa de Jesus, sejam as parábolas, como também as suas ações parabólicas, tem sua origem, seu "Sitz im Leben", nesta mensagem de caráter "inexplicável", pois fala figurativamente de realidades do além.⁵⁹

Ballarini afirma que a ação parabólica "tem a função de **chamar a atenção** para os dizeres do profeta".⁶⁰ Neste sentido, ela procura evidenciar a palavra do profeta, tornando a sua mensagem mais bem compreendida.⁶¹ Fohrer concorda, afirmando

⁵⁸ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 14.

⁵⁹ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 14.

⁶⁰ BALLARINI, T.; BRESSAN, G. *O profetismo bíblico*, p.54.

⁶¹ MONLOUBOU, L. *Os profetas do Antigo Testamento*, p. 38.

que o ato parabólico tem na sua execução a finalidade de levar a cabo a incumbência profética.⁶²

Fohrer explica ainda que estas ações têm o propósito de despertar a **curiosidade** e a **atenção**, para alcançar aqueles que não querem ouvir a palavra falada. Muitas vezes se reconheceu que as ações foram feitas propositalmente para exemplificar, reforçar e sublinhar a palavra do profeta, vinda de Javé. Elas servem, assim, para a pregação profética e pertencem a este anúncio como **meio homilético**. Nesse sentido, elas são *media praedicationis*. Despertam a curiosidade, chamam a atenção para que o anúncio seja mais expressivo, ativando a imaginação do ouvinte. A ação parabólica, portanto, ilustra e dramatiza a palavra, com um fim didático. Funciona também como um **meio psicológico**, convidando o destinatário para a reflexão. Assim, focalizam e pontuam a palavra profética, tornando-a marcante, para não ser esquecida.⁶³

Neste sentido, os atos parabólicos impregnam mais facilmente a memória humana, e este era o objetivo, não somente dos profetas, mas também dos rabinos, e, em forma um pouco diferente, também o de Jesus.⁶⁴

⁶² FOHRER, G. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: Profetismo, p. 62.

⁶³ FOHRER, G. Die symbolischen Handlungen der Propheten, p. 66-68.

⁶⁴ STÄHLIN, G. Die Gleichnishandlungen Jesu. In: Kosmos und Ekklesia, p. 16.

Fohrer lembra, entretanto, que os atos parabólicos se colocam de forma independente ao lado da palavra falada e constituem eles mesmos uma *predicatio* (proclamação).⁶⁵

Stein concorda, afirmando que as ações de Jesus não foram simples ilustrações para auxiliar a expressão verbal, mas o ensino, que era não-verbal, estava contido na própria ação. Alguma explicação podia ser acrescida, mas a própria ação parabólica significava o ensino pretendido.⁶⁶

Stählin complementa ainda que Jesus tinha praticamente sempre o mesmo propósito nas suas mensagens: *que agora é o tempo da salvação*. Agora é o tempo do cumprimento das profecias e de todas as esperanças relacionadas com este assunto. A mesma direção vale para a maior parte das ações de Jesus. Elas afirmam, no seu conjunto, que ***agora é tempo de redenção***.⁶⁷

1.4 Características

Antes de destacar as características das ações parabólicas, serão abordadas algumas das características das parábolas relatadas, especialmente aquelas que podem ser relacionadas com o objeto de estudo em questão.

⁶⁵ FOHRER, G. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: Profetismo, p. 64.

⁶⁶ STEIN, R. The method and message of Jesus' teachings, p. 25.

⁶⁷ STÄHLIN, G. Die Gleichnishandlungen Jesu. In: Kosmos und Ekklesia, p. 21.

1.4.1 Parábolas Relatadas

As parábolas relatadas contêm algumas características próprias. Entre elas, pode-se relacionar:

a) **Cotidiano.** Jesus aproveitava a natureza (semente de mostarda, semeador, etc.), costumes familiares da vida diária (fermento, ovelha perdida, etc.), acontecimentos bem conhecidos de história recente (Lc 19.14), acontecimentos ocasionais ou contingências não improváveis (filho pródigo, trabalhadores na vinha, etc.).⁶⁸

b) **Suspense.** As parábolas de Jesus continham sempre um pouco de suspense. O ouvinte/leitor fica imaginando: O que acontecerá aos arrendatários que mataram os servos e o filho do fazendeiro? Que fará o rei ao convidado não devidamente trajado para as bodas? Se o sacerdote e o levita se negaram a ajudar o ferido, caído à beira da estrada, que fará o terceiro transeunte?⁶⁹

c) **Contraste.** Há uma abundância de contrastes nas parábolas do Senhor, os quais despertam o interesse dos ouvintes e dos leitores. Assim, há: uma casa edificada sobre a rocha e outra na areia, peixes bons e peixes ruins, cinco virgens néscias e

⁶⁸ TASKER, R. V. G. In: DOUGLAS, J. D. (edit). O novo dicionário da Bíblia, p. 1201. A parábola nem sempre lança mão de histórias verídicas, mas admite a probabilidade, ensinando mediante ocorrências imaginárias, mas que jamais fogem à realidade das coisas. (CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, Vol. 5, p. 57).

⁶⁹ ZUCK, R. A. A interpretação bíblica, p. 231.

cinco prudentes, um servo fiel e um servo mau, o vinho novo e os odres velhos, etc.⁷⁰

d) **Conflito.** Existe uma infinidade de conflitos nessas parábolas, como, por exemplo: os homens que trabalham uma hora e os que trabalham o dia inteiro (Mt 20.1-16), a viúva persistente e o juiz (Lc 18.5-8), as virgens prudentes que se negaram a fornecer azeite às néscias (Mt 25.1-13), etc.⁷¹

e) **Triádes.** Outro detalhe interessante das parábolas, é que muitas delas são compostas por três personagens ou elementos principais. Por exemplo: a parábola do filho pródigo (o pai, o filho mais moço e o filho mais velho), a parábola das dez virgens (o noivo, as cinco virgens prudentes e as cinco virgens néscias), a parábola do credor incompassivo (o rei, o devedor maior e o devedor menor), a parábola dos dois filhos (o pai, o filho obediente e o filho desobediente), etc.⁷² Entretanto, Scholz afirma que já se notou que, nas parábolas, aplica-se a lei dos dois atores no palco, pois numa cena geralmente aparecem apenas dois atores.⁷³

f) **Inversão.** Verifica-se, freqüentemente, que a parábola começa por conceder vantagem ao ponto de vista que será

⁷⁰ *Ibidim*, p. 231-232.

⁷¹ *Ibidim*, p. 233.

⁷² KISTEMAKER, S. J. As parábolas de Jesus, p. 18. Funk faz uma extensa descrição dos tipos de relação que pode haver entre os elementos da tríade, num capítulo intitulado "*Participant and plot in the narrative parables of Jesus*" (FUNK, R. W. Parables and presence: forms of the New Testament tradition, p. 35-54).

⁷³ SCHOLZ, V. Um método de estudar as parábolas de Jesus. In: SIMPÓSIO, vol. 7, ano XXI, n° 33, p. 83.

finalmente desfavorecido. Assim, Jesus vai ao encontro do seu interlocutor; entra em sua maneira de ver. Sentindo-se compreendido, o interlocutor se deixa levar sem dificuldade. Então, o aspecto das coisas se modifica; uma nova maneira de ver se apresenta, melhor do que a primeira. O interlocutor, que assim deve convir, acha-se, desse modo, apanhado numa nova perspectiva.⁷⁴

g) **Ênfase final.** Nas parábolas de Jesus, não é o começo que diz o que é importante, porém o seu final. A importância recai sobre a última pessoa mencionada, o último feito ou a última declaração. O "efeito final" da parábola é deliberadamente elaborado em sua composição. Foi o samaritano que aliviou a dor do homem ferido, não o sacerdote ou o levita.⁷⁵ Na parábola do semeador, o solo fértil também é mencionado por último.

h) **Perguntas retóricas.** Estas estimulam os ouvintes/leitores a responderem mentalmente aos desafios propostos por Jesus. Por exemplo, o Senhor perguntou: "A que, pois, compararei os homens da presente geração, e a que são eles semelhantes?" (Lc 7.31); "... Contudo quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na terra?" (Lc 18.8); três, das cinco frases da parábola que Jesus contou sobre a recompensa do servo, são perguntas retóricas (Lc 17.7-10).⁷⁶

⁷⁴ DUPONT, J. Por que parábolas? p. 39.

⁷⁵ KISTEMAKER, S. J. As parábolas de Jesus, p. 18.

⁷⁶ ZUCK, R. A. A interpretação bíblica, p. 235.

i) **Evocação de resposta.** As parábolas funcionam como um meio para evocar respostas por parte do ouvinte. São contadas para dirigir-se aos ouvintes e cativá-los, a fim de fazê-los parar e pensar acerca das suas próprias ações, ou de levá-los a dar alguma resposta a Jesus e ao Seu ministério.⁷⁷

j) **Extraordinário.** Muitas parábolas parecem histórias simples e claras, mas sempre acontece algo fora-do-comum, que leva a certas perguntas. Este extraordinário ajuda a achar a verdade central da parábola. Quem deixaria 99 ovelhas para procurar uma perdida? Quem ficaria semeando, enquanto três quartos das sementes se perdem? Qual pai aguardaria, com tanta paciência, um filho que pôs toda a herança a perder? Realmente, Deus age de maneira diferente.⁷⁸

l) **Exagero.** Apesar de serem estórias que retratam o cotidiano, algumas parábolas podem conter um exagero deliberado, a fim de ressaltar algum aspecto da parábola (e.g., dez mil talentos, segundo qualquer cálculo, é uma soma astronômica de dinheiro, cf. Mt 18.24).⁷⁹

m) **Detalhes irrelevantes.** Por vezes, pergunta-se por que são deixados de lado vários detalhes que deveriam fazer parte da história de uma parábola. Por exemplo, na parábola das dez virgens é apresentado o noivo, mas se ignora totalmente a

⁷⁷ FEE, G.; STUART, D. Entendes o que lês? p. 127.

⁷⁸ GILHUIS, P. Como interpretar a Bíblia, pp. 260-261.

⁷⁹ KISTEMAKER, S. J. Parábolas de Jesus. In: ELWELL, W. A. (edit). Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã, Vol. 3, p. 96.

noiva. Pormenores como este não são relevantes na composição geral das parábolas.⁸⁰ Surge daí o princípio de que nunca se deve questionar aquilo que a parábola não responde, para não se incorrer em erros.

Todos estes aspectos das parábolas demonstram o impacto incomum que as histórias de Jesus provocavam naqueles que as ouviam e que ainda provocam naqueles que as lêem.

1.4.2 Ações Parabólicas

A partir das características alistadas acima, relativas às parábolas relatadas, pode-se relacionar algumas características que servem igualmente às ações parabólicas. O ator de uma parábola dramatizada usava da mesma forma as coisas do *cotidiano* para proclamar a sua mensagem. Assim, Jesus usou uma bacia com água e um costume muito conhecido de lavar os pés para transmitir seu ensino aos discípulos. Também através da ceia, refeição comum, Jesus intentou algo para ser transmitido.

Da mesma forma os *contrastes* (pagamento do tributo), o *suspense* (o silêncio de Jesus diante das autoridades), o *conflito* (entrada triunfal com um jumento), a *inversão* (pesca maravilhosa) e *ênfase final* (bênção das crianças), o *extraordinário* (o lava-pés, pelo Senhor) e o *exagero* (purificação do templo, à base de chicote), e, principalmente,

⁸⁰ KISTEMAKER, S. J. As parábolas de Jesus, p. 17.

a *evocação de resposta* (que era a intenção em todas as ações) podem ser encontrados nas ações parabólicas.

As ações parabólicas levavam os profetas muitas vezes a realizar atos estranhos ou pouco naturais, o que, na verdade, ajudava a contrastar e destacar a ação dos mesmos.⁸¹ Ballarini e Bressan afirmam que

muitas vezes trata-se de gestos estranhos, diríamos quase brincadeiras, segundo a nossa mentalidade ocidental. Tal julgamento, porém, falsearia o gênero, levando-o para fora do seu ambiente próprio, onde era perfeitamente compreendido e eficiente.⁸²

Fohrer argumenta que as ações simbólicas/parabólicas apresentam internamente três características:

1. O objeto do ato: por um lado, qualquer coisa pode tornar-se objeto do ato simbólico/parabólico e servir de representação para a imagem primária a que se refere (uma pessoa, suas vestes, seu cabelo, seu nome, posses ou utensílios em geral). Por outro lado, em sua qualidade de representação figurada, estes objetos do ato simbólico/parabólico têm uma relação bem determinada com outra realidade separada deles. Eles geralmente representam outro objeto diferente deles mesmos (como o povo de Israel, um povo estrangeiro, um aspecto do Reino, etc.). Há que se considerar ainda que a relação dos objetos do ato com a imagem original diferente deles é aquela apresentada. Nisto não é necessário que a realidade seja

⁸¹ MARTINEZ, J. M. *Hermenêutica Bíblica*, p. 185.

⁸² BALLARINI, T.; BRESSAN, G. *O profetismo bíblico*, p. 53.

representada objetivamente de uma forma clara e compreensível para cada um. A representação figurada pode se achar em proximidade maior ou menor à imagem original apresentada. Assim, o objeto toma a forma da imagem original (Ex: coroa, em Zc 6), é apenas uma representação da imagem original (Ex: partes da capa, em 1Rs 11), ou ainda, não é nem a imagem original e nem a representada, mas apenas um sinal dela (Ex: chifres, em 1Rs 22).⁸³

2. A maneira e a forma do ato. Às vezes, qualquer tipo de ação pode ser utilizado para caracterizar o evento representado (movimentar, destruir, abster-se de alguma coisa, atividades cotidianas ou familiares, etc). Às vezes a ação consiste em imitação (o tipo de ação que se deverá realizar no futuro é imitado pela ação presente). E, ainda, a ação pode ser realizada segundo o princípio da analogia (ela se realiza para que em outro lugar suceda a mesma coisa na realidade).⁸⁴

3. O simbolismo simples. Fohrer argumenta ainda que os atos simbólicos sempre apresentam um simbolismo simples e não duplo, como por exemplo, do presente ou passado e futuro. Assim como a mesma palavra não pode abarcar todos os tempos, tampouco o pode o ato.⁸⁵

⁸³ FOHRER, G. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: Profetismo, p. 83-84.

⁸⁴ FOHRER, G. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: Profetismo, p. 84.

⁸⁵ *Ibidim*, p. 84-85.

No entanto, Stählin discorda desta opinião e afirma que há uma diferença significativa entre as ações de Jesus e as parábolas relatadas, que não se restringe somente ao maior poder visual e enfático. Segundo o próprio Jesus, a parábola em si, se restringe ao propósito de fornecer uma mensagem significativa, mas nas ações a situação é diferente. Muitas vezes elas têm uma dupla ou tripla função. Justamente para a maior parte destas ações esta dupla função pertence a sua essência. Todas as ações, fora algumas exceções, possuem, não somente um significado indicativo, mas também um significado atual bem concreto. Assim, toda cura de Jesus, no seu princípio, é um ato de ajuda, mas ao mesmo tempo uma indicação de que agora é o tempo da salvação, e que agora o Salvador está aqui. Toda expulsão de um demônio é preliminarmente um ato de libertação, mas ao mesmo tempo significa parabolicamente que agora o poder do diabo está quebrado e está estabelecida a autoridade de Deus. Cada vez que é aberta a visão de um cego é, no princípio, um simples, mas valioso, presente, que pode ser feito a uma pessoa, mas também mostra que a luz divina está entrando na escuridão e vence a mesma. Cada cura de surdos e mudos, coloca os curados novamente no convívio humano, mas significa também que Jesus tem o poder de abrir ouvidos diferentes, que podem ouvir e ser tornados em testemunhas e mensageiros. A cura dos leprosos salva estes pobres de uma morte dolorosa e da exclusão completa do convívio social e assim parabolicamente demonstra

a purificação do homem do pecado e seu retorno à comunhão com Deus e o seu povo. Tudo isto é obra de Jesus e assim se poderia continuar com as multiplicações dos pães, as ceias, com o batismo, a santa ceia e outros atos mais.⁸⁶

Especialmente importante é a dupla função numa das mais profundas atitudes de Jesus, que também desempenhou a mais forte conseqüência na história da igreja cristã - a santa ceia. Neste ato, segundo Stählin, tem-se no mínimo um duplo sentido parabólico. Como muitas outras refeições com Jesus, a Santa Ceia aponta de antemão à grande ceia no Reino de Deus, isto é, à magnitude da comunhão integral com Deus no seu mundo perpétuo. Como nas outras refeições, esta comunhão se realiza já aqui, mas comparando com as outras solenidades, há um sentido exclusivo. Em muitos casos Jesus é o anfitrião, que oferece aos seus hóspedes a comunhão pessoal, mas na Santa Ceia Jesus é também pessoalmente o alimento oferecido aos convidados à casa e à mesa. De acordo com o sentido parabólico da Santa Ceia, Ele mesmo é a dádiva milagrosa da eternidade, a santa comunhão com Deus. Ele, em função do sacrifício, está disposto para este ato e no qual jaz a nova conquista da comunhão de Deus com os homens. Assim, o sentido parabólico escatológico da Santa Ceia tem uma relação específica com o sentido simbólico do sacrifício. Este é o outro sentido parabólico da Santa Ceia: com o partir do pão e com o vinho

⁸⁶ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 18.

tinto Jesus retrata a sua morte em sacrifício. Jesus, ao dar aos seus discípulos a comer pão e beber vinho, os capacita ao sacerdócio e membros do culto, aqueles que, pela participação na oferta, é dada a força da bênção do sacrifício. É de importância para a Santa Ceia que os discípulos sejam envolvidos pessoalmente nesta ação parabólica. Assim, eles não somente são participantes do acontecimento, em especial no seu preparo, mas, também, decididamente são participantes do próprio sacrifício de Jesus e assim, conseqüentemente, participantes na Ceia redentora escatológica. Como as palavras que Jesus fala têm poderes de ação, assim esta ação parabólica, tem força ativa. A mensagem proclamada torna-se realidade. Os discípulos adquirem de fato a íntima e pessoal comunhão com o seu mestre, o qual oferta-se por eles em sacrifício. Assim, os discípulos são enxertados de fato na realidade redentora do Reino vindouro.⁸⁷

Ainda em relação às características, Fohrer afirma que externamente (na transmissão literária) a ação parabólica pode ter as seguintes características: a) **ordem**; b) **relato**; c) **interpretação**. No caso das ações parabólicas dos profetas do Antigo Testamento, estes três aspectos podem ser encontrados juntamente (Os 3; Jr 32; Ez 12), ou apenas dois deles (ordem- interpretação: Jr 16; Ez 4; Zc 6; relato- interpretação: 1Rs 11; Jr 28), ou, ainda, um aspecto destes sozinho (ordem: Is 7;

⁸⁷ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 19.

relato: 1Rs 19; interpretação: Is 20).⁸⁸ No caso das parábolas dramatizadas de Jesus, precisa-se estar ciente de que ele não precisava receber a ordem divina para realizar a ação, por ser ele próprio Deus que ordena e realiza o ato.

Para terminar, Ballarini e Bressan discutem ainda a questão do efeito das ações parabólicas:

Pensou-se que nos profetas e nos seus ouvintes persistia uma concepção primitiva do efeito mágico da ação simbólica. De fato não se pode duvidar que os antigos semitas se inclinavam a atribuir às palavras e aos gestos certa eficácia; nem se poderia excluir que, na mais remota antiguidade, as ações simbólicas eram consideradas como meio para determinar o curso dos acontecimentos, da mesma maneira como se consideravam operantes as fórmulas de bênção e maldição; mas que tal valor os profetas o atribuíssem às suas ações simbólicas é suposição arbitrária. A eficácia, no caso, encontra-se toda nas palavras que acompanham a ação, pronunciadas normalmente em nome de Deus, do qual exprimem, portanto, a decisão, isto é, a *palavra*, que se realizará infalivelmente, porque nada pode resistir-lhe (cf. Is 55.10ss).⁸⁹

⁸⁸ FOHRER, G. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: Profetismo, p. 77.

⁸⁹ BALLARINI, T.; BRESSAN, G. O profetismo bíblico, p. 54.

II - ASPECTOS FORMAIS DAS AÇÕES PARABÓLICAS

Após uma conceituação geral, uso, propósito e características das ações parabólicas, torna-se necessário um estudo de alguns aspectos formais das mesmas. O que foi comentado e exemplificado até aqui está baseado nas afirmações dos diversos autores citados. No presente capítulo serão abordadas a análise das formas, a historicidade, a intencionalidade e a interpretação das ações parabólicas, procurando estabelecer critérios que possam ajudar em cada uma destas áreas.

2.1 Análise da Forma

Por muito tempo se tomou o complexo de textos das Escrituras como se fosse um conjunto uniforme, pertencendo a apenas um único gênero. Mas, há dois ou três séculos, percebeu-se que a Bíblia não é uma unidade fechada, mas sim algo vivo e diferenciado, e que a coleção de livros bíblicos contém materiais muito diversos, como por exemplo: poesia, prosa, narração histórica e épica, discursos proféticos, ditos de sabedoria popular ou especulativa, hinos, cartas, visões apocalípticas, parábolas, metáforas, ditos de Jesus, interpretações, histórias exemplares, biografias, etc.⁹⁰

Falando-se em termos do Novo Testamento, diversos autores concordam que se podem classificar os textos em gêneros maiores e gêneros menores. Entre os gêneros maiores podem-se

⁹⁰ KRÜGER, R; CROATTO, J. S. *Métodos exegéticos*, p. 115.

citar os evangelhos, atos dos apóstolos, cartas e apocalipse. Zimmermann, que confirma esta classificação, afirma que cartas e apocalipses já existiam, mas que Evangelhos e Atos dos Apóstolos são criações cristãs.⁹¹

a) **Evangelhos.** A característica deste gênero pode ser deduzida comparando-o com outros gêneros literários helenísticos. Do ponto de vista histórico, os evangelhos não podem ser catalogados entre as obras da antiguidade que se dedicam a escrever história. Também não podem ser classificados simplesmente como biografias. As descrições das circunstâncias são geralmente muito gerais. A característica principal dos evangelhos é que pretendem dar testemunho da fé. Seu propósito é despertar a fé em Jesus Cristo.⁹²

b) **Atos dos Apóstolos:** o livro de Atos dos Apóstolos não é nem *Práxis* e nem *Biografia*. Lucas apresenta uma série de materiais sobre diversos personagens e eventos para ilustrar o desenvolvimento compreensível da igreja primitiva e mostrar a expansão da missão de Jerusalém até o centro do império romano. Não se detém no interesse biográfico, nem em todos os atos de Pedro ou Paulo. O autor tem um interesse teológico.⁹³

c) **Cartas:** dos vinte e sete livros do Novo Testamento, vinte e um pertencem ao gênero literário denominado *cartas*. O

⁹¹ ZIMMERMANN, H. Los métodos histórico-críticos en el Nuevo Testamento, p. 140.

⁹² *Ibidim*, p. 141.

⁹³ KRÜGER, R; CROATTO, J. S. Métodos exegeticos, p. 120.

formulário de carta segue um esquema padrão: nome do remetente, nome do destinatário, saudação; antes de entrar no conteúdo propriamente dito, geralmente se acrescenta uma ação de graças a Deus, fazendo-se acompanhar de muitas saudações e especialmente de bênçãos escritas de próprio punho.⁹⁴

d) **Apocalipses:** "à semelhança dos apocalipses judaicos, também o Apocalipse de João está permeado por uma série de visões e revelações sobre o transcorrer e o sentido da história universal, afirmando a certeza de que Deus será o vencedor sobre todos os poderes antagônicos a Ele".⁹⁵ Dentro do Apocalipse há um subgrupo com algumas cartas que obedecem um esquema básico: endereço, auto-apresentação de Jesus, juízo de Cristo sobre a situação da Igreja, exortação ou conselho e motivação, promessa ao vencedor, e exortação de caráter geral.⁹⁶

Entre os gêneros menores, há uma listagem muito ampla, das quais Klaus Berger faz uma relação suficientemente numerosa e muito bem elaborada, em sua obra "As Formas Literárias no Novo Testamento". O espaço não permite relacionar aqui todos os itens por ele alistados.

Aqui surge a pergunta: o que caracteriza uma forma literária?

Egger afirma que

⁹⁴ ZIMMERMANN, H. *Los métodos histórico-críticos en el Nuevo Testamento*, p. 146-147.

⁹⁵ WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 183.

⁹⁶ SILVA, C. M. D. *Metodologia de Exegese Bíblica*, p. 213.

Os textos que pertencem a determinado tipo de texto/gênero literário devem apresentar semelhança devida a características comuns no plano lingüístico-sintático, semântico-material e pragmático. Os textos de um mesmo tipo de texto/gênero literário inscrevem-se num ambiente vital similar.⁹⁷

Assim, um texto pertence ao mesmo gênero literário quando apresenta similaridade nos seguintes aspectos:

- Estrutura lingüístico-sintática semelhante;
- Estrutura semântica e narrativa semelhante;
- Finalidade análoga.

Para uma classificação coerente dos tipos de texto, devem-se estabelecer critérios. Muitas vezes as subdivisões em gêneros literários propostas pela história das formas e das tradições não se baseiam em critérios unívocos. Além disso, para a distinção dos gêneros literários não é suficiente um só critério, e nem sequer é suficiente somar os critérios. Segundo Egger, é necessário levar em consideração a relação entre os critérios.⁹⁸

Hempfer afirma que "os procedimentos tradicionais para determinar os tipos de texto/gênero literário consistem em individuar num certo grupo de escritos os elementos comuns a todos os textos que dele fazem parte".⁹⁹

⁹⁷ EGGER, W. Metodologia do Novo Testamento, p. 145.

⁹⁸ *Ibidim*, p. 147.

⁹⁹ *Apud* EGGER, W. *Op. Cit.*, p. 148.

Berger alista, então, alguns elementos/critérios para a determinação de um gênero literário:

1) Qual **pessoa gramatical** é o sujeito? O sujeito dirige-se constantemente a outra pessoa gramatical? Como exemplo pode-se citar que "eu" costuma indicar uma apologia, autobiografia ou prestação de contas. "Nós" pode indicar uma exortação (plural comunicativo), mas também é característico do relato de viagens.

2) O **modo e o tempo do verbo**. O imperativo é indício do gênero exortação, enquanto o futuro indica *predição*.

3) A **estrutura sintática e a relação das partes entre si**.

4) O **tipo da frase**. Uma pergunta retórica (quem de vós...?), por exemplo, sugere o gênero *argumentação* ou ainda as parábolas.

5) A **estrutura interna de um texto**. A relação entre introdução e conclusão é muitas vezes decisiva, bem como as conjunções usadas. Um "portanto" geralmente pressupõe uma *argumentação*, assim como uma sucessão de acontecimentos interligados pela conjunção "e" sugere uma narrativa.

6) A **semântica**. O papel da semântica tem sido subestimado no estudo das formas. Um certo conjunto de termos comuns pode indicar um determinado gênero, como por exemplo os *relatos de visões* a partir de verbos típicos como "ver, aparecer, etc".

7) O **tamanho**. A relativa brevidade ou então certa extensão verbal pode ser indício de determinado gênero.

8) A **relação de um texto com um contexto literário**. Cada texto encaixado literariamente num conjunto maior participa das características do gênero.

9) **Metaníveis no texto** tem um significado especial, pois aí o nível geral do texto é abandonado. Geralmente, o autor faz um comentário e se dirige diretamente ao leitor.

10) O **envolvimento dos leitores**, pois o gênero resulta não apenas do texto, mas da situação dos leitores.

11) Com base nas **citações do Antigo Testamento**, uma série de gêneros tipicamente veterotestamentários ingressou no Novo Testamento.¹⁰⁰

A partir destes aspectos gerais que podem ser analisados nas diversas formas literárias, pode-se fazer uma análise dos aspectos característicos das ações parabólicas. Desta forma, pode-se alistar:

a) **Estilo**: a ação parabólica apresenta, via de regra, uma mescla de *narrativa* e *diálogo*. Há sempre um relato inicial, apresentando a situação e, em seguida, uma interação entre os personagens apresentados. Isto pode ser visto, por exemplo na purificação do templo (narrativa - Mc 11.15,16,18; diálogo -

¹⁰⁰ BERGER, K. As formas literárias do Novo Testamento, p. 22-25.

Mc 11.17)¹⁰¹, na maldição da figueira (narrativa - Mc 11.12-14,19-20; diálogo - Mc 11.21-26)¹⁰² e no lava-pés (narrativa - Jo 13.1-6a,12a; diálogo - Jo 13.6b-11,12b).

b) **Pessoa gramatical:** a partir da divisão (apresentada acima) em narrativa e diálogo, percebe-se que na ação parabólica a terceira pessoa é predominante na narrativa, e a interação entre primeira e segunda pessoa é apresentada no diálogo. Embora isto seja um tanto óbvio, é um aspecto característico da ação parabólica. Como exemplo, pode-se citar o relato do lava-pés: na parte narrativa, em apenas 12 versículos, aparece 13 vezes o pronome pessoal de terceira pessoa *αὐτός*, e 27 vezes os verbos estão em terceira pessoa. Já no diálogo, os pronomes de primeira e segunda pessoa aparecem 11 vezes e 10 vezes os verbos estão em primeira e segunda pessoa.

c) **Tempo verbal:** Na parte narrativa da ação parabólica, como se devia esperar, aparecem tempos no passado; mas chama a atenção a quantidade de verbos no tempo *oristo* (só em João 13.1-12, são 16 ocorrências deste tempo verbal; 19 vezes no relato da maldição da figueira de Marcos 11.12-14,19-26). Na parte dos diálogos o tempo presente é predominante, embora não com tanto destaque.

¹⁰¹ O mesmo pode ser visto nos relatos dos outros evangelhos: Mateus (narrativa - Mt 21.12,14,15,17; diálogo - Mt 21.13,16) e Lucas (narrativa - Lc 19.45; diálogo - Lc. 19.46).

¹⁰² No relato de Mateus percebe-se a mesma estrutura: narrativa - Mt 21.18-20a; diálogo - Mt 21.20b-22.

d) **Tipos de frase:** parece ser característico das ações parabólicas, ou uma **pergunta retórica** (*Compreendeis o que vos fiz?* - Jo 13.12; *Não está escrito: a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos?* - Mc 11.17), ou uma **sentença declarativa** (*Nunca jamais coma alguém fruto de ti!* - Mc 11.14; *Tende fé em Deus, porque em verdade afirmo que, se alguém disser...* - Mc 11.22-23), ou ainda ambas.

e) **Semântica:** obviamente que a semântica é relativa a cada relato de ação parabólica, mas pode-se perceber a presença de verbos que denotam movimento, especialmente na parte narrativa, como por exemplo ἔρχομαι ou derivados (Jo 13.1,6; Mt 21.12,14,19; Mc 11.12,12,15; Lc 19.45). A conjunção καί também é muito freqüente na parte narrativa das ações parabólicas (12 vezes no relato do lava-pés; 8 vezes no relato da maldição da figueira em Mateus; 12 vezes na purificação do templo em Marcos); esta conjunção ajuda na estrutura interna da narrativa da ação, e sua idéia de movimento.

f) **Metaníveis:** segundo Stählin, as ações parabólicas têm uma dupla ou tripla função. Para ele, esta dupla ou tripla função pertence à essência da ação parabólica.¹⁰³ É justamente este o ponto central da questão em estudo, ou seja, a descoberta do significado especial do texto. Perguntas como "Compreendeis o que vos fiz?" (Jo 13.12), são indicadoras da existência de metaníveis.

¹⁰³ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 18.

2.2 Historicidade

A análise sobre a historicidade é suficientemente complexa e não se poderia pretender aqui expor detalhadamente todos os pormenores da questão. Pretende-se apenas introduzir o assunto e sugerir alguns critérios que possam auxiliar na discussão do assunto.

A pergunta inicial é, justamente, "o que é história?". Zuurmond lembra que o conceito moderno de história, de acordo com a formulação de von Ranke, na célebre frase: "*Wie es eigentlich gewesen*" ("como as coisas propriamente aconteceram"), não tem mais de dois séculos de idade. Para ele um acontecimento é **histórico** "na medida em que pode ser apurado com os meios da pesquisa moderna e sob as condições formuladas por essa pesquisa". Mas ele repete: "isso é uma concepção moderna".¹⁰⁴

Entretanto, os antigos pensavam de outra maneira. Leon Dufour afirma que "a historicidade que podemos esperar dos documentos evangélicos não é de qualidade inferior à das obras modernas: é (apenas) de outro gênero...".¹⁰⁵

De acordo com a mentalidade antiga, os historiadores não se esforçavam, de acordo com as normas modernas, em reproduzir acuradamente o passado. Geralmente escreviam com objetivos estéticos e didáticos em primeiro lugar. Muitas vezes não se

¹⁰⁴ ZUURMOND, R. Procurais o Jesus histórico?, p. 43.

¹⁰⁵ LEON-DUFOUR, X. Os Evangelhos e a História de Jesus, p. 29.

fazia uma clara distinção entre o que se chama de "sentido literal" e "sentido simbólico" de um texto. Outro detalhe que não pode ser ignorado é que o conceito moderno de história difere do da Antiguidade em termos da importância da cronologia. Muitos historiadores antigos, com grande facilidade, adaptavam certa narração a partir de temas, e não necessariamente pela ordem dos fatos.¹⁰⁶

G. Vermés levanta ainda outra questão: "o cristão crente está persuadido de que o Jesus da história e o Cristo da fé são uma mesma e única pessoa".¹⁰⁷ Não se quer aqui julgar a questão, mas simplesmente lembrar que a origem dos escritos passou por uma fase oral ou, mais propriamente, se deu através da pregação.

Inicialmente a pregação visava uma exposição da *Vida de Jesus*. Tinha assim uma finalidade fundamentalmente "histórico-biográfica", não porque pretendia compor uma biografia no sentido moderno do termo, mas porque tendia a conservar os fatos relativos à vida de Jesus (fatos sobre sua existência, sua atividade e sua doutrina). A finalidade específica de uma pregação é diferente do gênero histórico, ou seja, é o anúncio e a explicação dos fatos relatados para fins de ensinamento religioso, que deve ser recebido com fé para ser o caminho de salvação para os homens. Desta forma, é claro que os fatos não

¹⁰⁶ ZUURMOND, R. Procurais o Jesus histórico?, p. 44-45.

¹⁰⁷ VERMÉS, G. Jesus, o judeu, p. 16.

eram transmitidos mecanicamente, mas de maneira viva, correspondente ao caráter de cada pregador.

Outra característica da pregação é que ela se mantinha ao nível popular, não somente porque seus autores (os apóstolos) provêm do povo simples, não muito culto, mas ainda porque encontravam seus ouvintes em ambientes muito humildes, dos quais poucos sabiam escrever e os livros eram muito raros. Nestas circunstâncias, era necessário reduzir a doutrina a um número restrito de pontos, ou seja, às coisas essenciais.¹⁰⁸

Pode-se perguntar, então, qual foi o processo de transposição do fato para a linguagem e da linguagem para a escrita, e que interpretações lhe foram dadas. Egger afirma que "a simples transmissão de um fato ou de uma palavra não permite deduzir que o evento tenha efetivamente acontecido ou que a palavra tenha sido de fato pronunciada por aquele a quem é atribuída".¹⁰⁹

Como dito anteriormente, a pergunta "que aconteceu efetivamente?" é uma pergunta moderna. Os escritos neo-testamentários são testemunhas de fé e não protocolos judiciais, e, portanto, a sua validade primária não é de caráter histórico. Em outras palavras, estes textos não oferecem todas as informações que um historiador deseja.¹¹⁰

¹⁰⁸ BEA, A. A historicidade dos evangelhos, p. 34-38.

¹⁰⁹ EGGER, W. Metodologia do Novo Testamento, p. 191.

¹¹⁰ *Ibidim*, p. 192.

Lambiasi é da opinião de que um texto apresenta vários níveis de verdade ou autenticidade histórica: certeza, probabilidade e verossimilhança. De acordo com este autor, pode-se falar de **certeza** "quando possuímos argumentos seguros para afirmar a realidade de um fato"; tem-se **probabilidade** "quando os argumentos de que dispomos são bastante convincentes (ainda que não inteiramente seguros para excluir a posição contrária)"; tem-se **verossimilhança** quando os argumentos levam à conclusão da plausibilidade do fato, isto é, além de levarem à sua possibilidade, levam à conclusão da sua probabilidade".¹¹¹ Lambiasi continua:

Na base de três níveis, podemos distinguir, respectivamente, *critérios* (certeza), *indícios* (probabilidade), *motivos* (verossimilhança). Por **critérios** entendemos os argumentos que nos oferecem a certeza histórica de que um dado determinado do evangelho é autêntico e pertence a Jesus; por **indícios**, os argumentos que levam à probabilidade fundada da autenticidade de um dado evangélico; por **motivos** entendemos os argumentos indicadores que um elemento determinado é *verossímil*.¹¹²

Resulta, então, a pergunta: quais são os critérios que podem auxiliar na busca da certeza histórica a respeito de dados relatados nos evangelhos? Alguns autores propõem alguns critérios, que podem ser relacionados como segue:

a) **Antiguidade da Fonte:** deve-se partir das fontes mais antigas e seguras possíveis. Egger afirma que as fontes mais antigas apontadas pela crítica literária e pela história das

¹¹¹ LAMBIASI, F. Autenticidade histórica dos Evangelhos, p. 141.

¹¹² *Ibidim*, p. 141.

formas e dos gêneros literários, são mais confiáveis historicamente do que textos tardios.¹¹³

b) **Atestação Múltipla:** significa que os atos e palavras de Jesus são reais se atestados por mais de uma fonte, isto é, se aparecem em diversas fontes independentes entre si. Egger argumenta:

O critério se fundamenta sobre o princípio de que fatos e palavras atestados por diversas fontes independentes entre si ou fixados em diversos gêneros literários dificilmente possam ser, sem mais, inventados.¹¹⁴

Lambiasi, entretanto, alerta que o critério não pode ser utilizado de forma negativa. Quando um dado não goza de atestação múltipla não pode por isso mesmo ser considerado inautêntico. Isso porque do silêncio das outras fontes nada é possível deduzir; o silêncio das fontes não pode ter valor de negação (*qui tacet, nihil dicit*).¹¹⁵

c) **A Descontinuidade:** Latourelle faz a seguinte definição:

Podemos considerar autêntico um dado evangélico (sobretudo em se tratando de palavras e de atitudes de Jesus) irreduzível, quer às concepções do judaísmo, quer às concepções da Igreja primitiva.¹¹⁶

Para Egger, que chama o critério de "ausência de analogias" ou "não-invenção", o mesmo se alimenta do "princípio pelo qual é fácil que a comunidade atribua a Jesus expressões que penetram no âmbito do próprio interesse". O problema do critério é que

¹¹³ EGGER, W. Metodologia do Novo Testamento, p. 194.

¹¹⁴ EGGER, W. Metodologia do Novo Testamento, p. 194.

¹¹⁵ LAMBIASI, F. Autenticidade histórica dos Evangelhos, p. 154-155.

¹¹⁶ Apud LAMBIASI, F. *Op. Cit.*, p. 156.

ele se aplica a poucos dados, segundo Egger.¹¹⁷ Para Lambiasi, a descontinuidade é um critério fundamental, mas não pode ser empregado em sentido exclusivo e radical; segundo o autor, é "indispensável para chegarmos a Jesus, todavia é insuficiente sozinho, para nos levar à reconstrução do núcleo característico da história de Jesus".¹¹⁸

d) **A continuidade:** podem ser consideradas autênticas palavras e obras de Jesus que se mostram estreitamente interligadas com o que já foi "autenticado" mediante os critérios precedentes.¹¹⁹ Para Lambiasi, o critério de continuidade pode ser dividido em duas áreas de atuação: a **continuidade interna**, que é justamente o que foi comprovado autêntico pelo critério da descontinuidade; e, a continuidade externa, que se relaciona com a situação ambiental de Jesus (situação histórico-política, quadro geográfico, ambiente cultural e contexto religioso).¹²⁰

e) **A Explicação Necessária:** Latourelle, que considera este critério o mais importante entre os fundamentais, o formula da seguinte maneira:

Se diante de um conjunto considerável de fatos ou de dados que exigem explicação coerente e suficiente, for apresentada uma explicação que ilumina e agrupa harmonicamente todos estes elementos (que de outra forma, continuariam enigmas), podemos concluir que nos encontramos

¹¹⁷ EGGER, W. *Op. Cit.*, p. 195.

¹¹⁸ LAMBIASI, F. Autenticidade histórica dos Evangelhos, p. 165-166.

¹¹⁹ EGGER, W. Metodologia do Novo Testamento, p. 195.

¹²⁰ LAMBIASI, F. *Op. Cit.*, p. 166-169.

diante de um dado autêntico (fato, gesto, atitude, palavra de Jesus).¹²¹

Egger que chama o critério de "o motivo suficiente" resume da seguinte forma: "um fato ou um comportamento é considerado histórico se uma série de outros eventos não podem ser explicados a não ser admitindo a efetividade do precedente".¹²²

f) **O Estilo de Jesus:** O estilo de Jesus é dividido entre estilo lingüístico e estilo de vida de Jesus. Ao **estilo lingüístico** relacionam-se os aramaísmos e semitismos, e os diversos tipos de paralelismos, as parábolas, os ditos enigmáticos, a expressão 'Reino de Deus', os termos 'amém' e 'abba'. O **estilo de vida** de Jesus é caracterizado por um "amor constante pelos pecadores, dureza desapiedada para com toda forma de autojustificação, santa indignação de qualquer hipocrisia, compaixão por todos os que sofrem, e sobretudo orientação radical e decisiva para Deus, Senhor e Pai".¹²³

2.3 Intencionalidade

Uma outra pergunta que precisa ser feita é quanto à finalidade de um determinado texto: Que intenção tem o discurso? Sua pretensão é relatar alguma coisa, ou pretende narrar uma

¹²¹ Apud LAMBIASI, F. *Op. Cit.*, p. 192.

¹²² EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 195-196.

¹²³ WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 237.

história? Pretende instruir ou comunicar uma mensagem? Acusar ou exortar? Dar uma ordem ou confessar?"¹²⁴

A cada forma fixa de linguagem corresponde uma intenção. Basta observar um jornal dos dias atuais, e pode-se perceber facilmente a diferença entre as diversas formas: notícias, editorial, propagandas, pequenos anúncios, coluna social, etc. Na medida em que as formas forem diferentes, também serão diferentes as intenções.¹²⁵

Neste sentido, Lohfink afirma que não basta conhecer as leis que regem a estrutura exterior de um determinado gênero literário, mas que é estritamente necessário procurar ver qual é a sua intenção. Conhecer qual é a finalidade de um texto é absolutamente necessário para a exegese e sua interpretação. Isto porque o que um romance pretende é diferente daquilo que se propõe um texto histórico, e aquilo que um trabalho histórico pretende é, por sua vez, diferente daquilo que uma autobiografia deseja.¹²⁶

Lohfink complementa afirmando que na história da igreja muitas confusões surgiram (e ainda surgem) porque não se levou em conta a intenção fundamental de determinados gêneros literários e de determinadas formas. Textos escriturísticos que queriam transmitir uma mensagem foram tomados como

¹²⁴ LOHFINK, G. Agora entendo a Bíblia, p. 36.

¹²⁵ PALAVRA de Deus, palavra da gente: as formas literárias na Bíblia, p. 18-19.

¹²⁶ LOHFINK, G. Agora entendo a Bíblia, p. 36.

relatos, outros que queriam exortar foram tomados como leis, outros que queriam expressar uma profissão de fé foram tomados como informação.¹²⁷

Temos que admitir, no entanto, que não é tarefa simples saber qual a intenção de um texto bíblico. Seus autores já morreram há muito tempo. A bem da verdade, da maioria dos livros da Bíblia, nem sequer sabemos quem os escreveu. Além disso, estamos muito distantes da língua, da cultura, da mentalidade do povo bíblico.¹²⁸

Wilhelm Egger pretende auxiliar neste assunto quando trata das funções e finalidades de um texto dentro do capítulo chamado "Análise Pragmática", em seu livro Metodologia do Novo Testamento. Ele afirma que

A teoria pragmática do texto considera a extensão de um texto como um "agir mediante o escrever", porquanto o texto pretende ou é capaz de incidir de modo eficaz sobre a relação entre autor e leitor e sobre o contexto situacional.¹²⁹

Sugere, então, que as finalidades de um texto podem ser distinguidas segundo o fator que um texto mais evidencia:

- Função expressiva (emotiva), quando diz respeito principalmente à expressão dos sentimentos do emissor;
- Função diretiva (conativa), quando diz respeito ao apelo ao destinatário;
- Função referencial (informação), quando diz respeito à exposição de um tema;
- Função contextual, quando diz respeito à consideração do contexto da situação;
- Função poética, quando a forma lingüística reveste particular importância;

¹²⁷ LOHFINK, G. Agora entendo a Bíblia, p. 37-38.

¹²⁸ PALAVRA de Deus, palavra da gente: as formas literárias na Bíblia, p. 21.

¹²⁹ EGGGER, W. Metodologia do Novo Testamento, p. 132.

- Função de contato (pela fala), quando o objetivo é o contato entre emissor e destinatário;
- Função metalingüística, quando o texto mesmo se torna "tema".¹³⁰

Algumas destas finalidades podem aparecer simultaneamente, mas provavelmente uma ou outra estará predominando em determinado texto.

Jürgen Habermas propõe uma lista de "atos lingüísticos" que podem servir também para descrever os textos bíblicos e suas finalidades:

- a) Descrever, referir, comunicar, narrar, fazer observações, contradizer;
- b) Afirmar, assegurar, aprovar, negar, contestar;
- c) Revelar/desvelar, manifestar, admitir, simular, negar;
- d) Ordenar, convidar, pedir, exigir, exortar, permitir, aconselhar, advertir, consolar;
- e) Saudar, felicitar, agradecer, etc.¹³¹

Pode-se também fazer uma distinção entre a *intencionalidade explícita e implícita* dos textos. Wegner, baseado em Egger, comenta que em textos exortativos (1 Tm 2.1) ou com imperativos (Rm 12.9ss), a intenção fica evidente. Em outros, especialmente em relatos dos Evangelhos que não contêm apelos diretos, torna-se mais difícil a descoberta da intencionalidade implícita.¹³²

¹³⁰ EGGER, W. Metodologia do Novo Testamento, p. 133.

¹³¹ Apud EGGER, W. Op. Cit., p. 137-138.

¹³² WEGNER, U. Exegese do Novo Testamento, p. 175.

Finalmente, Egger propõe algumas perguntas que podem ajudar na descoberta da intencionalidade específica de cada texto. Entre elas:

- Quais são os dados explícitos do texto acerca da finalidade do falar/escrever?
- Que instruções diretas e indiretas para o pensamento e a ação dos leitores aparecem no texto?
- Em que medida emergem problemas nas relações entre o autor e o leitor?
- Que valores propõe o texto ao leitor?

E, especificamente, sobre textos narrativos, ele acrescenta:

- Com que pessoas do texto simpatiza o texto mesmo?
- Em que medida o texto explicita a que leitor se dirige?
- Que possibilidades de solução propõe o texto acerca de determinados problemas da comunidade (ou do leitor)?
- Com que pessoas simpatiza (ou se identifica) o leitor?¹³³

2.4 Interpretação

Após a discussão do conceito, uso, propósito e características das ações parabólicas, bem como da análise da forma, historicidade e intencionalidade, é necessário ainda, e principalmente, discutir a respeito da interpretação das mesmas. Aqui serão alistados alguns critérios gerais para a interpretação de qualquer texto, que devem também ser observados para a interpretação das ações parabólicas.

¹³³ EGGER, W. Metodologia do Novo Testamento, p. 138. Uwe Wegner faz um exercício sobre esta questão, em sua obra Exegese do Novo Testamento (p. 222-224).

Estas regras gerais, aliadas ao bom senso do leitor e intérprete, ao tato, à experiência individual e reverência pela Palavra de Deus, muito auxiliarão, para uma boa e coerente interpretação dos elementos parabólicos no ensino de Jesus.¹³⁴ Algumas destas regras podem ser:

a) **Respeito (busca) à verdade.** Neal começa suas regras de interpretação afirmando que o intérprete deve ter um profundo respeito pela verdade. O ato de ser um cristão sincero não é suficiente, pois não tira o perigo de ser levado por falsos caminhos. É necessário evitar que preconceitos o levem a interpretações errôneas.¹³⁵ Desta forma, é de suma importância a orientação divina na interpretação de textos bíblicos.

b) **Contexto.** O estudo do contexto é uma das principais regras de interpretação de qualquer texto. Stadelmann afirma, por exemplo, que o "contexto da parábola dá para o intérprete, via de regra, a chave para a compreensão do significado intencionado; pois nele se representa a situação, à qual se responde com uma parábola".¹³⁶

Gilhuis afirma que a atitude das pessoas para com o autor é outra chave para entender as parábolas.¹³⁷ Assim é de suma importância identificar o auditório, porque o significado do

¹³⁴ CAMARGO, S. A. Ensinos de Jesus através de suas parábolas, p. 19.

¹³⁵ NEAL, C. L. Parabolas del Evangelio, p. 10.

¹³⁶ STADELMANN, H. Schriftgemäß predigen, pp. 127-128.

¹³⁷ GILHUIS, P. Como interpretar a Bíblia, p. 252.

texto tem a ver com como foi originalmente ouvido.¹³⁸ Todas as parábolas, por exemplo, funcionam como parte essencial de uma unidade literária maior. Em cada caso, é a unidade literária que precisa ser examinada para se determinar acerca do que, afinal de contas, a parábola fala. Dupont faz referência a três contextos que merecem ser observados:

1. *O contexto literário*: no qual uma parábola nos foi transmitida como simples parte de uma unidade literária que a ultrapassa. (...) é o sentido que lhe atribui o evangelista que no-la relata. 2. *O contexto original*: a situação de vida em que a parábola surgiu e em função da qual foi imaginada. Assim, parece possível encontrar a significação primeira da parábola: em função do elo que a unia à situação de vida na qual foi antes pronunciada. 3. *O contexto atual*: o do cristão que hoje relê uma parábola. Não só as idéias de seu tempo e de seu meio influenciam essa leitura, como é graças a elas que a parábola permanece significativa para ele hoje, oferecendo-lhe uma mensagem que vai ao encontro, nas situações concretas de sua vida.¹³⁹

Drane, porém, expressa sua preocupação de que nem sempre se sabe a exata "situação na vida" (*Sitz im Leben*) de um texto. As parábolas nem sempre foram registradas como parte de uma biografia, dispostas cronologicamente, mas como uma mensagem explicativa e devido a sua permanente relevância para as necessidades do mundo e da igreja.¹⁴⁰

Ainda a respeito do contexto, Bailey complementa, falando sobre "a peça dentro da peça":

A peça está tendo lugar entre Jesus e seu auditório. Muitas vezes o seu auditório é composto

¹³⁸ FEE, G. & STUART, D. Entendes o que lês? p. 127.

¹³⁹ DUPONT, J. Por que parábolas? pp. 8-9.

¹⁴⁰ DRANE, J. Jesus, p. 125.

de seus inimigos teológicos, e desta forma um conflito intenso é a tônica da representação. A parábola freqüentemente ocorre como 'a peça dentro da peça'.¹⁴¹

Um exemplo muito prático é a parábola dos dois devedores, contada por Jesus quando estava na casa de Simão (Lc 7.36-50): uma peça dentro de uma peça. Neste sentido, o intérprete sempre deve fazer um estudo da conjuntura histórica do texto, incluindo uma análise pormenorizada das circunstâncias religiosas, sociais, políticas e geográficas reveladas na parábola.¹⁴²

c) **Fundo Cultural.** Para captar objetivamente o significado de um texto, o intérprete deve situar-se no plano cultural daqueles que ouviram/leram inicialmente.¹⁴³ Bailey alerta sobre o fato de que dois mil anos já se passaram, e que culturalmente se pensa como ocidentais, e não como orientais. Em suma, as parábolas (por exemplo) são estórias a respeito de pessoas que viveram em um determinado tempo e lugar.¹⁴⁴ O mesmo autor fala de perguntas que devem ser feitas em relação ao texto:

Estas são as perguntas de *reação, julgamento de valores, relacionamento, expectativa e atitude*. Como se espera que um pai *reaja* quando o seu filho mais novo pede a sua herança quando o pai ainda está vivo? Qual é o *relacionamento* entre um senhor e um escravo? Que *julgamento de valores* faz o auditório quando algum convidado deixa de ir a um banquete? Qual a *atitude* dos habitantes do Oriente Médio para com os governantes imperialistas? Que

¹⁴¹ BAILEY, K. As parábolas de Lucas, p. 16.

¹⁴² KISTEMAKER, S. J. As parábolas de Jesus, p. 24.

¹⁴³ MARTÍNEZ, J. M. Hermeneutica bíblica, p. 458.

¹⁴⁴ BAILEY, K. Op. Cit., pp. 17,19.

espécie de herói o auditório espera na parábola do Bom Samaritano? Por vezes, fazemos estas perguntas a respeito das próprias personagens da estória. Em outras ocasiões as fazemos para ou a respeito do auditório. Ambas as séries de perguntas são importantíssimas.¹⁴⁵

d) **Exegese.** Não se pode ignorar o texto original. Na verdade, é do texto original que devem surgir as afirmações a respeito do texto. Jeremias lembra, entretanto, que Jesus falou o aramaico da Galiléia, e no processo de tradução para o grego (ou de elaboração dos textos em grego), era inevitável que não só o vocabulário e as declarações de Jesus, mas também o fundo palestino encarnado neles, deveria ser traduzido em condições do ambiente helenístico.¹⁴⁶ O exegeta deve ter tal conceito em mente ao fazer a sua exegese.

e) **Significados de Símbolos.** Quanto ao significado dos símbolos, Almeida é da opinião de que um símbolo bíblico, usado em outros lugares, já tem determinada a sua significação. Cita então um exemplo quanto ao significado do fermento, o qual já havia sido aplicado para o mundanismo político de Herodes, o formalismo religioso dos fariseus, o racionalismo incrédulo dos saduceus ou a jactância pecaminosa dos coríntios; portanto, para Almeida, o fermento sempre será símbolo do mal em atividade. O mesmo autor afirma, ainda, que

¹⁴⁵ BAILEY, K. *As parábolas de Lucas*, p. 20.

¹⁴⁶ JEREMIAS, J. *Rediscovering the parables: a landmark work in New Testament interpretation*, p. 17-18.

os termos explicados em um texto não podem ter sentido oposto em outro.¹⁴⁷

Konings, porém, pensa diferentemente, quando diz que o mesmo elemento não tem sempre o mesmo sentido na comparação. Depende do contexto, e muitas vezes não tem sentido comparativo algum, mas serve apenas para que a história se possa contar de forma pitoresca. Cita o exemplo da semente, que tem sentido diferente nas parábolas de Mc 4.1ss, 4.26ss, e 4.30ss. Na primeira, boa parte da semente fica infecunda, na segunda fala-se da semente apenas porque ela cresce por si, e na terceira considera-se apenas a desproporção entre o tamanho da semente e da árvore que dela cresce.¹⁴⁸ Concorda-se com Konings, tendo em vista que em toda a Bíblia são usados símbolos de acordo com o contexto em que o autor os inseriu. Neste sentido, poder-se-ia questionar ao primeiro autor: Qual o significado de leão na Bíblia? É o leão da tribo de Judá (Ap 5.5) ou o leão que ruge em derredor (1 Pe 5.8)? Qual o significado de serpente nas Escrituras? É a serpente do Éden (Gn 3) ou a serpente que Moisés levantou no deserto (tipo de Cristo - Nm 21; Jo 3.14)?

Bailey afirma que "os símbolos que devem ser procurados são aqueles que o narrador original da história coloca nesta com o objetivo de comunicar-se com o auditório original".¹⁴⁹

¹⁴⁷ ALMEIDA, A. Hermenêutica Bíblica, p. 76.

¹⁴⁸ KONINGS, J. Jesus nos Evangelhos Sinópticos, p. 30.

¹⁴⁹ BAILEY, K. As parábolas de Lucas, p. 26.

f) **Teologia Bíblica.** Qualquer texto deve ser interpretado de acordo com a analogia da fé. É princípio geral de interpretação que a nenhum texto se pode dar um sentido contrário ao ensinamento geral e claro das Escrituras sobre o mesmo assunto.¹⁵⁰

g) **Atualização.** Karl Gutbrod afirma que as parábolas de Jesus "tornam possível a mudança do destinatário".¹⁵¹ Para isso, o intérprete da parábola deve traduzir seu significado em termos apropriados às necessidades de hoje. Sua tarefa é aplicar o ensinamento central da parábola à situação de vida da pessoa que está ouvindo sua interpretação.¹⁵² Fee também demonstra esta preocupação. Ele lembra que as parábolas estão num contexto escrito e, através de um processo exegético, deve-se descobrir seu significado, sua lição, com alto grau de exatidão. O que precisa ser feito, então, é traduzir essa mesma lição para o contexto atual, de tal forma que os ouvintes de hoje possam sentir a ira, ou a alegria, que os ouvintes originais experimentaram.¹⁵³ Assim como as parábolas relatadas devem ser atualizadas, também as ações parabólicas devem sofrer este processo. Stählin afirma que as ações parabólicas, além de um sentido indicativo, possuem também um significado atual bem concreto.¹⁵⁴

¹⁵⁰ ALMEIDA, A. *Hermenêutica bíblica*, p. 76.

¹⁵¹ GUTBROD, K. *Ein weg su den Gleichnissen Jesus*, p. 29.

¹⁵² KISTEMAKER, S. J. *As parábolas de Jesus*, p. 25.

¹⁵³ FEE, G. D.; STUART, D. *Entendes o que lês?*, p. 133.

¹⁵⁴ STÄHLIN, G. *Die Gleichnishandlungen Jesu*. In: *Kosmos und Ekklesia*, p. 18.

Cada um destes princípios gerais, bem como todas as regras de hermenêutica, deve ser observado na interpretação das ações parabólicas.

Assim, a *busca pela verdade* e a sinceridade ao estar fazendo esta busca, devem ser constantes na vida do intérprete. O *contexto* é essencial para a interpretação de qualquer texto bíblico, e não deixará de sê-lo para a hermenêutica das ações parabólicas. Encontrar a pessoa ou o grupo a quem a ação parabólica foi direcionada e o que estava acontecendo neste momento, é fundamental para evitar erros na interpretação.

O *fundo cultural* ajuda a determinar diversos aspectos das ações parabólicas que, para o intérprete que está distante, tanto em tempo como em espaço, são geralmente difíceis de serem compreendidos. Nos dias atuais, lavar os pés de alguém tem com certeza significado totalmente diferente do que na época de Jesus. Entrar com um jumento em uma cidade é diferente do que entrar a cavalo, assim como faziam os generais ao conquistar uma cidade. Estes aspectos são de extrema relevância para a compreensão do ensino intencionado por Jesus.

A *exegese* deve ser utilizada como ferramenta para buscar informações que as traduções nem sempre conseguem expressar devidamente. Uma comparação de diversas traduções pode ser igualmente útil para a interpretação proposta. Alguns símbolos

são utilizados largamente nos textos bíblicos. Buscar determinar o *significado dos símbolos* dentro do seu devido contexto, é igualmente importante. Qual o significado da figueira? Qual o significado da comensalidade? O que significa o número doze? Estas questões devem ficar esclarecidas para uma boa hermenêutica das ações parabólicas.

A *teologia bíblica* deve ser levada em conta também. Comparar as verdades descobertas em determinado texto com a teologia do restante da Bíblia é fundamental. Finalmente é importante que o intérprete saiba *atualizar* o texto em questão, traduzindo o princípio que está por trás da ação parabólica para os dias atuais. Isto deve responder a questão: "*o que isto significa para nós hoje?*"

Martinez resume vários destes aspectos, quando afirma:

Outros fatores que devem ser considerados ao interpretar um símbolo são a situação de vida do escritor, sua perspectiva histórica, o essencial de sua mensagem e o significado claro do mesmo símbolo utilizado em outras passagens do livro, e, é claro, a analogia entre o símbolo e o simbolizado deve ser simples. Não deve buscar-se múltiplos pontos de semelhança ou correspondência entre ambos.¹⁵⁵

Fohrer informa que todas as ações parabólicas dos profetas do Antigo Testamento, com exceção de 1Rs 19 e Is 7, são interpretadas no próprio texto. Esta interpretação se dá na maioria das vezes em forma de palavra de Javé.¹⁵⁶ No caso da ação parabólica do profeta Ágabo, em Atos 21, ele próprio

¹⁵⁵ MARTÍNEZ, J. M. *Hermeneutica bíblica*, p. 182.

¹⁵⁶ FOHRER, G. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: Profetismo, p. 80-81.

profere as palavras do Espírito Santo para informar a Paulo o que significava o seu ato.

No caso das ações parabólicas de Jesus, nem todas possuem uma interpretação dada, podendo, assim, ser mais diretamente relacionadas com as parábolas relatadas. Estas sempre deixavam o interlocutor pensativo, evocando uma resposta sua.

III - ASPECTOS EXEGÉTICOS DE UMA AÇÃO PARÁBOLICA

*** Maldição da Figueira - Um exemplo**

A maldição da figueira, relatada pelos evangelistas Marcos (11.12-14,19-26) e Mateus (21.18-22), pode ser incluída dentro do método de ensino de Jesus através de ações parabólicas. Fica um tanto incompreensível o ato do Senhor Jesus, se não for interpretado como uma ação parabólica. Assim, a Maldição da Figueira servirá como modelo e exemplo do estudo em questão.

O presente capítulo abordará primeiramente o texto que relata a maldição da figueira, nos dois relatos dos sinóticos, apresentando as ligeiras diferenças entre os mesmos. Num segundo momento, será abordado o contexto do episódio dentro da trajetória da vida de Jesus, bem como de sua localização geográfica.

Em seguida, tratará da questão da figueira e das suas características, especialmente no que diz respeito ao cultivo e da colheita dos frutos. Na seqüência será abordado o significado que a figueira tem no contexto bíblico e das pessoas que assistiram ao episódio em questão.

A quinta parte tratará da interpretação da ação parabólica, mostrando como diversos autores compreenderam este fato.

Finalmente, far-se-á uma aplicação da lição dada por Jesus aos seus discípulos, aplicando-a também à igreja atual e aos cristãos.

3.1 O Texto da Maldição da Figueira

O episódio da Maldição da Figueira é narrado por dois dos evangelistas: Mateus e Marcos. Os textos apresentam ligeiras diferenças que serão tratadas posteriormente. Por enquanto, será apresentado o texto como se encontra nos Evangelhos, de acordo com a tradução da Nova Versão Internacional.

Mateus 21.18-22

A Figueira Seca

¹⁸ De manhã cedo, quando voltava para a cidade, Jesus teve fome. ¹⁹ Vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela, mas nada encontrou, a não ser folhas. Então lhe disse: "Nunca mais dê frutos!" Imediatamente a árvore secou. ²⁰ Ao verem isso, os discípulos ficaram

Marcos 11.12-14,19-26

A Figueira Seca

¹² No dia seguinte, quando estavam saindo de Betânia, Jesus teve fome. ¹³ Vendo à distância uma figueira com folhas, foi ver se encontraria nela algum fruto. Aproximando-se dela, nada encontrou, a não ser folhas, porque não era tempo de figos. ¹⁴ Então lhe disse: "Ninguém mais coma de seu fruto". E os seus discípulos ouviram-no dizer isso.

¹⁹ Ao cair da tarde, eles saíram da cidade. ²⁰ De manhã, ao passarem, viram a figueira seca desde as raízes. ²¹ Pedro, lembrando-se, disse a Jesus:

espantados e perguntaram: "Como a figueira secou tão depressa?"²¹ Jesus respondeu: "Eu lhes asseguro que, se vocês tiverem fé e não duvidarem, poderão fazer não somente o que foi feito à figueira, mas também dizer a este monte: 'Levante-se e atire-se no mar', e assim será feito."²² E tudo o que pedirem em oração, se crerem, vocês receberão".

"Mestre! Vê! A figueira que amaldiçoaste secou!"²² Respondeu Jesus: "Tenham fé em Deus."²³ Eu lhes asseguro que se alguém disser a este monte: 'Levante-se e atire-se no mar', e não duvidar em seu coração, mas crer que acontecerá o que diz, assim lhe será feito."²⁴ Portanto, eu lhes digo: Tudo o que vocês pedirem em oração, creiam que já o receberam, e assim lhes sucederá."²⁵ E quando estiverem orando, se tiverem alguma coisa contra alguém, perdoem-no, para que também o Pai celestial lhes perdoe os seus pecados."²⁶ Mas se vocês não perdoarem, também o seu Pai que está nos céus não perdoará os seus pecados".

A figueira, assim como a oliveira e a videira, era uma árvore comum em Israel. As figueiras crescem isoladas ou em pequenos grupos e suas folhas proporcionam uma agradável sombra. Uma árvore destas serviu para o ensino de Jesus através de uma ação parabólica.

Esta ação de Jesus é singular.¹⁵⁷ Todas as outras ações, e alguns consideram esta como milagre, são realizadas com o

¹⁵⁷ Além de não haver outro fato semelhante nos Evangelhos, também não existe nenhum relato rabínico paralelo para este acontecimento (LACHS, S. T. *A rabbinic commentary on the New Testament: the gospels of Mathew, Mark and Luke*, p. 349).

propósito de ajudar ou favorecer a alguém. Beare a chama de “o único milagre amaldiçoante dos evangelhos”.¹⁵⁸ Como esta ação não tem a finalidade principal de ajudar um próximo necessitado, Ramos prefere considerá-lo como um milagre que contém exclusivamente um significado parabólico.¹⁵⁹ Nestes termos, Mounce afirma que o fato deve ser tomado mais como “predição” do que maldição.¹⁶⁰

Mateus e Marcos apresentam diferenças no seu relato da maldição da figueira. “Mateus, ao sublinhar o imediato secamento da árvore, destaca o poder de Jesus, mas no conjunto Marcos se mostra mais vivo e pormenorizado”.¹⁶¹ Edersheim esclarece:

Com Mateus, que, por amor à continuidade, relata este incidente depois do sucesso daquele dia (segunda) e imediatamente antes do dia seguinte (Mt 21.18,22), esperamos com antecipação o que viram os discípulos no dia seguinte (Mc 11.20). Como disse Mateus: ‘No mesmo instante se secou a figueira’. Porém, segundo o relato mais detalhado de Marcos, foi somente no dia seguinte, quando voltaram a passar, que notaram que a figueira havia secado desde as raízes. O espetáculo atraiu sua atenção, e de modo vívido recordaram as palavras de Cristo... E foi o súbito e completo juízo que havia sido pronunciado o que agora chamou a atenção de Pedro, mais do que o seu significado simbólico. Foi mais o milagre que sua importância espiritual e moral que impressionou aos discípulos.¹⁶²

Marcos monta o episódio segundo o esquema “sanduíche”: com o relato da figueira no início (Mc 11.12-14) e no final (11.20-

¹⁵⁸ Apud MOUNCE, R. H. *Mateus*, p. 209.

¹⁵⁹ RAMOS, F. F. *El primer Evangelio: Marcos, heraldo da buena noticia*, p. 185.

¹⁶⁰ MOUNCE, R. H. *Mateus*, p. 209.

¹⁶¹ BATTAGLIA, O. et. al. *Comentário ao evangelho de São Marcos*, p. 106.

¹⁶² EDERSHEIM, A. *La vida y los tiempos de Jesus el Messias*, vol. 2, p. 324-325.

21), contendo o episódio do Templo como recheio (11.15-19).¹⁶³ Descontada esta interpolação de Marcos, a narrativa contém três partes: a) **A ação de Jesus** (Mt 21.18-19; Mc 11.12-14); b) **A questão dos discípulos** (Mt 21.20; Mc 11.19-21); c) **A resposta de Jesus** (Mt 21.21-22; Mc 11.22-26).¹⁶⁴

Sobre estas diferenças cronológicas, Troadec afirma que não se deve dar evidentemente mais importância ao pormenor cronológico do que lhe dão os evangelistas. "Que a figueira tenha secado imediatamente ou no dia seguinte isso não muda nada no ensino que se desprende deste incidente, que é o que importa".¹⁶⁵

Robinson, ao comentar sobre a realidade do fato, apresenta duas linhas distintas de pensamento: por um lado, aqueles que consideram o episódio como uma 'ação parabólica', acontecida de fato, da qual se desprende uma lição espiritual; por outro lado, aqueles que consideram o fato como uma transformação da parábola de Lucas 13.6-9 em milagre, por parte da tradição.¹⁶⁶ Hunter apóia esta segunda possibilidade, afirmando que se pode supor que o núcleo do relato de Marcos não seja um milagre, e sim uma parábola de juízo. Afirma ainda que no caminho de Jericó a Jerusalém pode ter havido alguma figueira seca, a

¹⁶³ BORTOLINI, J. *O evangelho de Marcos*, p. 213.

¹⁶⁴ Cf. DAVIES, W. D. *A critical and exegetical commentary on the Gospel according to saint Matthew*, p. 147.

¹⁶⁵ TROADEC, H. *Evangelho segundo S. Mateus*, p. 176.

¹⁶⁶ ROBINSON, T. H. *The gospel of Matthew*, p. 174.

qual se chegou a relacionar um relato que atribuía sua maldição a Jesus.¹⁶⁷

Rienecker, entretanto, afirma que este fato se constitui num acontecimento real¹⁶⁸, como ato profético de Jesus, e que fora do comum está apenas o fato de ser o único milagre que não teve uma utilidade para alguém.¹⁶⁹ É improvável que este relato esteja baseado na parábola de Lucas 13.6-9, sobretudo porque na parábola se fala de arrancar a árvore e não de que se seque.¹⁷⁰ Além do mais, "os dois relatos nada têm em comum entre si, exceto o fato de as figueiras não produzirem frutos".¹⁷¹ Civit complementa:

Oséias (9.10) e Miquéias (7.1) haviam comparado Israel com a figueira e seu fruto. Não haveria inconveniente em supor que a Catequese Primitiva encenou em forma de gesto pessoal uma narração parabólica do Senhor. Porém esta hipótese não é necessária. É certo que este episódio de Jesus nos resulta estranho; mas, precisamente por sua singular estranheza, é pouco verossímil que o forçasse a Comunidade Apostólica quando já contemplava a Cristo sob a luz do ministério pascal.¹⁷²

Trata-se no caso de "parábolas reais", gestos parabólicos que não só ilustram uma idéia, mas predizem, introduzem e anunciam praticamente um evento. Muitas vezes são profecias de desgraças e de juízos, não simples oráculos sobre o futuro,

¹⁶⁷ HUNTER, A. M. *El evangelio según san Marcos*, p. 137.

¹⁶⁸ RIENECKER, F. *Das Evangelium des Markus*, p. 201.

¹⁶⁹ *Idem*. *Evangelho de Mateus*, p. 353.

¹⁷⁰ SCHMID, J. *Das Evangelium nach Markus*, p. 223.

¹⁷¹ MOUNCE, R. H. *Mateus*, p. 209.

¹⁷² CIVIT, I. G. *El evangelio según san Mateo*, vol. 2, p. 342.

mas criações prefigurativas do que há de vir.¹⁷³ Schmid acrescenta:

Este ato de Jesus se interpreta, em geral, simbolicamente como uma **parábola em ação**. Compreendida assim, tem muitos paralelos em ações simbólicas dos profetas do AT e convém perfeitamente com a situação em que se desenvolve. Israel (ou Jerusalém) é a figueira plantada por Deus, que oculta sob a enganosa folhagem de seus atos de piedade externa, sua verdadeira esterilidade religiosa.¹⁷⁴

É necessário lembrar ainda que muitos profetas do Antigo Testamento recorreram ao gesto de maldição de árvores e frutos como símbolos do juízo pronunciado contra Israel (Jeremias 8.13; Oséias 9.10,16-17; Ezequiel 17.24; etc.).¹⁷⁵

3.2 O Contexto da Maldição da Figueira

Jesus estava em sua última semana de ministério e também de vida. Havia estado em toda a região da Judéia até a Galiléia, durante mais de três anos, pregando, ensinando e operando sinais. Estava chegando o momento de suas últimas ações e dos seus últimos ensinamentos para o povo e para os seus discípulos.

De acordo com os evangelistas, Jesus visita três vezes o templo. A primeira vez, quando ele apenas contempla o templo. Marcos relata que "Jesus entrou em Jerusalém e dirigiu-se ao templo. Observou tudo à sua volta e, como já era tarde, foi

¹⁷³ SCHNACKENBURG, R. *O evangelho segundo Marcos*, vol. 2, p. 130.

¹⁷⁴ SCHMID, J. *Das Evangelium nach Markus*, p. 221.

¹⁷⁵ RAMOS, F. F. *El primer Evangelio: Marcos, heraldo da buena noticia*, p. 185.

para Betânia com os Doze". Alexander afirma que este "olhar indagador" de Jesus para o que circunda o templo e para os que o circundam é próprio do Evangelho segundo Marcos (cf. 3.5,34; 5.32; 8.33; 10.23,27; 11.11).¹⁷⁶

Na segunda visita ao templo, Jesus o purifica pela segunda vez (cf. e cp. Mt 21.12 e Jo 2.13-17). Nesta ocasião, as multidões ficam maravilhadas com a doutrina de Jesus, enquanto as autoridades de enchem de furor, embora não façam nada por temerem o povo (Mc 11.18). Na terceira visita, Jesus entra no templo e dele se aproximam os Seus inimigos para dar-lhe o último golpe, mas são reduzidos ao silêncio e vencidos pela palavra do Mestre.¹⁷⁷

Nos respectivos intervalos, Jesus vai a Betânia: "*E, deixando-os, saiu da cidade para Betânia, onde passou a noite*" (Mt 21.17). Sabe-se que em Betânia habitava uma família que Jesus estimava muito. Os capítulos 11 e 12 de João complementam este quadro: "*Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro*" (Jo 11.5). Em contraste com a hostilidade encontrada em Jerusalém, Jesus se acha na intimidade daqueles que ama e que sabem corresponder ao Seu amor.¹⁷⁸

¹⁷⁶ ALEXANDER, H. E. O evangelho segundo Marcos, p. 101.

¹⁷⁷ *Ibidim*. Alexander é da opinião de que, nestas três visitas a Jerusalém, Jesus cumpre três atos de julgamento: 1) O julgamento simbólico da nação judaica representada pela figueira estéril; 2) O julgamento da religião do templo, expulsando os aproveitadores; 3) O julgamento dos chefes religiosos do povo cuja hipocrisia é desvendada (p. 101).

¹⁷⁸ ALEXANDER, H. E. O evangelho segundo Mateus, p. 120.

Betânia, no hebraico "casa das tâmaras", assim chamada por causa das tamareiras que ali cresciam, é uma aldeia que fica a cerca de três quilômetros a sudeste de Jerusalém (Jo 11.18). A localidade existe até hoje, em um wadi raso, na base oriental do Monte das Oliveiras. Foi ali que Jesus realizou um de seus maiores milagres - a ressurreição de Lázaro. Betânia também era a terra de Simão, o leproso, em cuja casa Jesus foi ungido com unguento guardado em um vaso de alabastro.¹⁷⁹

Jeremias lembra que no percurso entre Jerusalém e Betânia, achava-se Betfagé. Segundo as indicações, deve-se traduzir este nome por "casa dos figos verdes".¹⁸⁰ No Talmude, Betfagé é às vezes mencionada como separada de Jerusalém e outras vezes como parte integrante da mesma.¹⁸¹ Não se pode afirmar com certeza, mas, possivelmente, o episódio da maldição da figueira tenha acontecido neste local, entre Betânia e Jerusalém. Os autores não ousam afirmar com certeza esta possibilidade.

Bortolini, ao mencionar a saída de Jesus de Betânia em direção a Jerusalém, afirma que se deve notar a precariedade da alimentação que havia nesta casa, pois logo ao sair, Jesus sentiu fome e procurou uma figueira (sem se perguntar pelo seu proprietário), buscando algo para saciar sua fome.¹⁸²

¹⁷⁹ CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, vol. 1, p. 515.

¹⁸⁰ JEREMIAS, J. Jerusalém no tempo de Jesus, p. 65.

¹⁸¹ CHAMPLIN, R. N. Op. cit., vol. 1, p. 523.

¹⁸² BORTOLINI, J. Evangelho de Marcos, p. 213.

Pohl, entretanto, argumenta que os judeus costumavam tomar duas refeições por dia: uma no meio da manhã, geralmente pelas 10 horas, e a outra no fim da tarde. Para este autor, Jesus deve ter saído de Betânia bem antes da primeira refeição.¹⁸³

Edersheim acrescenta a isto o fato de que não é demais supor que na primeira noite da semana da Paixão, Jesus tenha passado uma noite em oração solitária, como com tanta freqüência fazia (cf. Mc 1.35; 6.46; Lc 4.2; 5.16; 6.12; 9.28; Mt 14.23). Com isto em mente, pode-se com facilidade compreender a fome que o fez buscar frutas na figueira, a caminho da cidade de Jerusalém.¹⁸⁴

Assim, ainda de madrugada, na segunda-feira, após a entrada triunfal em Jerusalém que ocorrera no primeiro dia da semana, Jesus partiu em direção a Jerusalém, para o encontro com o "templo". Sobre o que faria no templo, não havia comentado nada com os seus discípulos. Jesus, provavelmente, refletia sobre o que pensava em fazer e como as pessoas iriam reagir: qual seria o risco? Qual seria a reação dos sacerdotes, dos comerciantes e dos escribas? E como os discípulos iriam assimilar aquele acontecimento? Chegara o momento de fazer uma ação parabólica do tipo profético. Não seria um simples

¹⁸³ POHL, A. Evangelho de Marcos, p. 326. Gundry confirma que não era costume alimentar-se muito cedo e que a primeira refeição era tomada no meio da manhã (GUNDRY, R. Mark: a commentary on his apology for the cross, p. 637).

¹⁸⁴ EDERSHEIM, A. La vida y los tiempos de Jesus el Messias, vol. 2, p. 323.

capricho, mas uma simbologia do que iria fazer mais adiante, também ao estilo dos profetas.¹⁸⁵

Não se quer retomar a discussão acima a respeito da diferença cronológica de Mateus e Marcos. Apenas mencionar a preferência pelo relato mais pormenorizado de Marcos, em detrimento ao relato mais abreviado e objetivo de Mateus. Entretanto, como afirmou Troadec, não é necessário dar mais importância ao pormenor cronológico do que lhe dão os evangelistas. O que importa é o ensino que se depreende deste acontecimento.¹⁸⁶

3.3 A Figueira em Israel

A figueira é mencionada mais de cinquenta vezes na Bíblia.¹⁸⁷ Para isso são utilizadas seis palavras relacionadas com o termo figueira ou figo. Em hebraico utiliza-se תֵּאֲנָה (*te'enâ*), que designa a *Ficus carica*, nome científico da figueira, encontrada no oeste da Ásia e é muito comum na região da Palestina.¹⁸⁸ Este termo é utilizado 38 vezes no Antigo Testamento (como por exemplo: Gn 3.7; Dt 8.8; Nm 13.23; Jz 9.10-11; 2 Rs 20.7; Sl 105.33; Is 34.4; etc.).¹⁸⁹ Outro termo utilizado para figueira é שִׁקְמָה (*shiqmâ*) que designa a figueira grande, que produz figos comestíveis, às vezes significando

¹⁸⁵ GALLARDO, C. B. Galiléia Ano 30: para ler o evangelho de Marcos, p. 129.

¹⁸⁶ TROADEC, H. Evangelho segundo S. Mateus, p. 176.

¹⁸⁷ DANIEL-ROPS, H. A vida diária nos tempos de Jesus, p. 22.

¹⁸⁸ YOUNGBLOOD, R. F. תֵּאֲנָה In: Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento, p. 1627.

¹⁸⁹ CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, vol. 2, p. 726.

sicômoro.¹⁹⁰ Para figo usa-se a palavra פִּגְגָּה (*paggâ*) que designa o figo verde, temporão, que aparece em Cantares 2.13.¹⁹¹

No grego são utilizadas as seguintes palavras: συκῆ (*sukê*), significando "figueira" e utilizada por 16 vezes no Novo Testamento (Mt 21.19-21; Mc 11.13,21; Lc 13.6,7; etc.).¹⁹² Este é o termo utilizado para traduzir o vocábulo hebraico תְּאֵנָה (*te'enâ*), na LXX, para designar a figueira, seu fruto e suas folhas.¹⁹³ Derivada desta primeira palavra, aparece o termo σῦκον (*sûkon*), que designa o "figo" e aparece quatro vezes no Novo Testamento. E, por último, ὀλύνθος (*olunthos*), para "figo verde", e que aparece somente em Apocalipse 6.13.¹⁹⁴

A figueira é uma árvore com folhas largas, verde escuro em cima, e pardacentas e lustrosas em baixo, com um tronco coberto de uma casca lisa e cinza e uma ramagem extensa.¹⁹⁵

Champlin acrescenta:

Há figos cultivados e figos naturais. Se for bem cultivada, uma figueira pode atingir nove metros de altura, e o seu crescimento é muito rápido. Se for deixada sem cultivo, em um lugar seco e rochoso, a árvore permanece anã, espalhando-se por cima das rochas, sempre muito baixa. O figo tem um formato

¹⁹⁰ AUSTEL, H. J. שִׁקְמָה In: Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento, p. 1614. Coleman informa que o sicômoro é da mesma família da figueira, mas é considerada uma árvore inferior, e seu figo não é tão bom quanto o da figueira (COLEMAN, W. Manual dos tempos e costumes bíblicos, p. 198).

¹⁹¹ HAMILTON, V. פִּגְגָּה In: Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento, p. 1198.

¹⁹² CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, vol. 2, p. 726.

¹⁹³ MOTYER, J. A. Fruto. In: Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, p. 890.

¹⁹⁴ CHAMPLIN, R. N. *Op. cit.*, vol. 2, p. 726.

¹⁹⁵ WHITEHOUSE, O. Costumes orientais, p. 94.

um tanto similar à pêra. Suas dimensões dependem da espécie plantada. Na extremidade do pedúnculo, há uma pequena abertura por meio da qual certo inseto polinizador, chamado vespa do figo, pode entrar. Quando o figo maduro é ingerido, sementes granulosas são esmagadas pelos dentes. E essas sementes são o verdadeiro fruto da figueira. A parte comestível é apenas o receptáculo protetor, que contém os frutos, as sementes. [...] Uma figueira, se não for atacada por insetos ou por certas enfermidades, pode sobreviver por quatrocentos anos.¹⁹⁶

A figueira era freqüentemente plantada junto com a vinha (cf. Lc 13.6), pelo que seus ramos e a folhagem da videira tornaram conhecida a expressão "sentar-se cada qual debaixo de sua videira e debaixo de sua figueira" como símbolo de prosperidade e de bem estar (ver 1Rs 4.25; Mq 4.4; Zc 3.10; Is 36.16).¹⁹⁷

O figo era consumido de diversas formas: ao natural, em passa ou então sob a forma de vinho. Abigail deu a Davi, entre outras coisas, duzentas pastas de figo (1Sm 25.18), provavelmente a fruta em passa. A sombra da figueira também era muito apreciada. Além disto, devido à abundância de figueiras, elas eram utilizadas em muitas lições objetivas (por ex: *Meus irmãos, pode uma figueira produzir azeitonas ou uma videira, figos?* [Tg 3.13]).¹⁹⁸

Douglas acrescenta que até hoje as folhas de figueira são costuradas juntas no Oriente e usadas como embrulhos para frutas frescas enviadas aos mercados, onde são um valioso

¹⁹⁶ CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, vol. 2, p. 726.

¹⁹⁷ DOUGLAS, J. D. Figo, Figueira. In: O novo dicionário da Bíblia, p. 618.

¹⁹⁸ COLEMAN, W. Manual dos tempos e costumes bíblicos, p. 47.

produto de comércio. Bolos de figos secos (*dehbelâ* no hebraico, 'pressionados juntos') eram um excelente alimento. Isaías também fala de uma massa ou pasta de figos para ser usada como emplastro para ser posta sobre a úlcera de Ezequias (2Rs 20.7; Is 38.21).¹⁹⁹

Era possível colher frutos da figueira durante cerca de dez meses no ano.²⁰⁰ Esta árvore tem duas florações e três safras anuais.²⁰¹ Estas três safras de figos podem ser compreendidas da seguinte forma:

a) Os **figos temporões** (*bikkurâh*), que apareciam no fim de junho. Em diversas profecias (Is 28.4; Jr 24.2; Os 9.10), pode-se ver o quanto estes figos eram apreciados, por causa de seu sabor.²⁰² Douglas afirma que estes figos amadurecem no verão e são considerados os *primeiros figos maduros*, muito procurados por causa de sua frescura e de seu sabor delicioso.²⁰³

b) Os **figos do verão** ou **figos tardios**, que amadureciam de agosto a outubro. Esta era a colheita principal, que se formava nos brotos novos que surgiam no início do verão. Esta folhagem nova, que surge quando o tempo quente está se

¹⁹⁹ DOUGLAS, J. D. *Figo, Figueira*. In: *O novo dicionário da Bíblia*, p. 618.

²⁰⁰ GOWER, R. *Usos e costumes dos tempos bíblicos*, p. 119.

²⁰¹ POHL, A. *Evangelho de Marcos*, p. 326.

²⁰² WHITEHOUSE, O. C. *Costumes orientais*, p. 95.

²⁰³ DOUGLAS, J. D. *Op. Cit.*, p. 618.

aproximando, é conhecida da parábola de Jesus sobre o fim dos tempos (cf. Mc 13.2).²⁰⁴

c) Os **figos verdes** surgem no fim do inverno e início da primavera. São figuinhos verdolengos chamados *taqsh*, comestíveis porém não muito apreciados.²⁰⁵ F. F. Bruce esclarece a respeito destes figos:

“Ainda não era chegado o tempo de figos”, diz Marcos, pois se tratava de pouco antes da Páscoa, cerca de seis semanas antes que aparecesse nas árvores o fruto desenvolvido. O fato de aduzir Marcos estas palavras demonstra que sabia o que estava falando. Quando por volta do fim de março desponta a folhagem, acompanha-a farta quantidade de nódulos a que os árabes chamam de TAQSH, espécie de precursores dos figos verdadeiros. Os camponeses e outras pessoas quando com fome costumam comer esses *taqsh*. Caem antes de formar-se o genuíno figo. Entretanto, se surgem as folhas desacompanhadas de *taqsh* é sinal de que não haverá frutificação nesse ano.²⁰⁶

Isto deixa claro que quando o Senhor Jesus deixa a estrada para ir à figueira e procurar nela algum *taqsh*, para saciar um pouco de sua fome, e não os encontra, que isto implica em que não haveria figos quando chegasse o tempo da safra principal. Mesmo com a exuberância da folhagem, a figueira era infrutífera e não prometia nada para aquela frutificação.

3.4 O Significado da Figueira

Uma figueira podia trazer uma vasta gama de significados, de acordo com os comentários de diversos autores. Entre estes

²⁰⁴ POHL, A. Evangelho de Marcos, p. 326.

²⁰⁵ MOUNCE, R. H. Mateus, p. 209.

²⁰⁶ BRUCE, F. F. Merece confiança o Novo Testamento?, p. 95-96.

significados está a **fertilidade**; como os frutos da figueira eram abundantes na região do Mar Mediterrâneo e constituíam um meio alimentício importante, eram considerados um símbolo da fertilidade.²⁰⁷

Uma figueira também ilustrava bem o conceito de **paz** e **felicidade**, através do fato de um homem estar sentado debaixo de uma figueira. A família que tivesse uma dessas plantas em sua casa era considerada muito feliz, pois a mesma frutifica durante séculos, e exige poucos cuidados. No encontro de Jesus com Natanael faz-se referência a esta circunstância: “*Eu o vi quando você ainda estava debaixo da figueira...*” (Jo 1.48).²⁰⁸

As figueiras também se tornaram um símbolo de **segurança** e **prosperidade**. Em 1 Rs 4.25 encontra-se a declaração de que “durante a vida de Salomão, Judá e Israel viveram em segurança, cada homem debaixo da sua videira e da sua figueira...”. Miquéias afirma também que “todo homem poderá sentar-se debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e ninguém o incomodará, pois assim falou o Senhor dos Exércitos” (Mq 4.4; ver tb. Zc 3.10).²⁰⁹

Entre muitos outros, Champlin também menciona os seguintes significados figurados da figueira: a) **Independência financeira**, quando cada indivíduo tivesse a sua própria figueira; b) **Miséria** e **aflição** quando a figueira não

²⁰⁷ LURKER, M. Dicionário de figuras e símbolos bíblicos, p. 101.

²⁰⁸ COLEMAN, W. Manual dos tempos e costumes bíblicos, p. 197-198.

²⁰⁹ GOWER, R. Usos e costumes dos tempos bíblicos, p. 118.

produzisse (cf. Sl 105.33); c) **Esterilidade espiritual** representada pela figueira estéril (Lc 13.6-9); d) **Ostentação** representada pela figueira que tem muitas folhas mas que não tem nenhum fruto (Mt 21.19); e) **Julgamento divino** no caso do fracasso completo de uma safra de figos (cf. Is 34.4; Jr 5.17; Jl 1.7; Os 2.12).²¹⁰

Na opinião de Mateos e Camacho, "a figueira é figura do templo". Sua aparência é frondosa (uma figueira com folhas). Mas esta aparência é enganosa e oculta a esterilidade. É um esplendor sem fruto.²¹¹

Entretanto, a maioria dos autores relaciona a figueira com Israel. Alexander é da opinião de que "na Escritura, a *figueira*, bem como a oliveira e a parreira, são símbolos da nação judaica".²¹² Bortolini afirma que, "no Antigo Testamento, às vezes a figueira é símbolo de Israel, e o mesmo acontece aqui" (referindo-se ao texto de Mc 11).²¹³

Edersheim complementa que Israel é a figueira estéril e as suas folhas somente cobriam a nudez, como haviam feito no caso dos primeiros pais no Éden, depois da queda no pecado (Gn

²¹⁰ CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, vol. 2, p. 726.

²¹¹ MATEOS, J.; CAMACHO, F. Marcos: texto e comentário, p. 263.

²¹² ALEXANDER, H. E. O evangelho de Mateus, p. 120. Boyer afirma também que "a figueira viçosa, mas sem figos, é notável emblema de Israel..." (BOYER, O. Marcos, o evangelho do Servo do Senhor, p. 157).

²¹³ BORTOLINI, J. O evangelhos de Marcos, p. 213. Petersen concorda que neste texto de Marcos, o qual mostra uma figueira em lugar privilegiado, tão abundante de promessas, mas infrutífera, "Jesus viu uma personificação de Israel" (PETERSEN, H. R. Estudo sobre Marcos, p.111).

3.7).²¹⁴ No Antigo Testamento, a figueira simboliza tanto o frutificar de Israel (Dt 8.8), quanto um quadro de julgamento no caso de sua destruição (Os 2.12; Is 34.4; Jr 5.17; 8.13; Jl 1.2-12).²¹⁵

Telford, citado por Myers, esclarece sobre o assunto, a partir do exame que faz de cinco textos principais (Jr 8.13; Is 28.3s; Os 9.10,16; Mq 7.1; Jl 1.7-12), e vários outros textos suplementares:

O florescimento da figueira e a sua *produção de frutos* constitui elemento descritivo em passagens que descrevem a visita de Javé a seu povo com bênção, ao passo que o *murchamento da figueira*, a destruição ou ausência do seu fruto, figura em imagens que descrevem o julgamento de Javé sobre o seu povo ou seus inimigos. O tema do julgamento é, como nenhum outro, o mais proclamado nos livros proféticos. Muitas vezes a razão apresentada é a aberração cúltica, um culto do templo e um sistema sacrificial corruptos. Em alguns casos, o figo ou a figueira podem ser expressamente usados como símbolo da própria nação. [...] Quem poderia duvidar, então, do extraordinário impacto que a maldição da figueira feita por Jesus provocaria sobre os que estavam preparados para reconhecer o simbolismo onde quer que ocorresse.²¹⁶

Motyer também concorda que os textos de Oséias 9.10 e Jeremias 24 simbolizam a nação que, doutra forma, geralmente era retratada como videira. Afirma ainda que o texto de Miquéias 7.1-6 retrata o estado corrupto da nação, que está cheio de amargura, hostilidade mútua e derramamento de sangue, em termos da ausência do figo quando ele é procurado. O primeiro verso diz: "Que desgraça a minha! Sou como quem colhe frutos

²¹⁴ EDERSHEIM, A. *La vida y los tiempos de Jesus el Messias*, vol. 2, p. 324.

²¹⁵ MULHOLLAND, D. M. *Marcos: introdução e comentário*, p. 174.

²¹⁶ *Apud* MYERS, C. *O evangelho de São Marcos*, p. 357-358.

de verão na respiga da vinha; não há nenhum cacho de uvas para provar, nenhum figo novo que eu tanto desejo".²¹⁷

Pode-se considerar, portanto, que a figueira em muitas ocasiões pode representar a nação de Israel e a sua situação perante Deus. Isto não significa que todos os textos se prestam a esta comparação. Cada texto deve ser analisado à luz do seu contexto, para que seja determinada a devida correspondência.

3.5 A Interpretação da Maldição da Figueira

Um grande número de autores e comentaristas considera este acontecimento como algo realizado propositalmente, para transmitir um ensino específico. Bruce afirma que a "história como tal é uma *parábola dramatizada*".²¹⁸ Schnackenburg é da opinião de que "trata-se no caso de '*parábolas reais*', gestos simbólicos que não só ilustram uma idéia, mas predizem, introduzem e anunciam praticamente um evento".²¹⁹

Patte, em seu comentário ao Evangelho de Mateus, afirma que "a maldição da figueira aparece como um *ato parabólico* que prefigura o que será expresso mais adiante em parábolas"²²⁰, através das parábolas de julgamento que constam no final dos evangelhos sinóticos. Civit, na mesma direção, complementa que

²¹⁷ MOTYER, J. A. Fruto. In: Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, p. 890.

²¹⁸ BRUCE, F. F. Merece confiança o Novo Testamento?, p. 96.

²¹⁹ SCHNACKENBURG, R. O evangelho segundo Marcos, vol. 2, p. 131.

²²⁰ PATTE, D. The Gospel according to Matthew, p. 292.

"a *parábola encenada* da figueira é um prelúdio da parábola explicada da vinha, que se resume também no tema da palavra **fruto**".²²¹

Davies, em seu comentário crítico e exegético do evangelho de Mateus, faz a seguinte afirmação:

Mas (Mateus) 21.18-19 também pode ser classificado como um *ato profético de poder*, algo como um *semeion* no senso Joanino. A ação contra a figueira é uma ilustração visual, uma parábola ordenada que também inaugura o julgamento contra o qual representa.²²²

Fritz Rienecker é da opinião de que o "secar uma figueira é um *ato profético* de Jesus e pertence, por isso, integralmente ao contexto da purificação do templo".²²³ Anderson, comparando a ação de Jesus com as ações parabólicas dos profetas (2Cr 18.10; Jr 13.1ss; 19.1ss; 27.2; 28.10ss), afirma que a *ação parabólica* de Jesus simboliza o julgamento de Deus sobre a esterilidade de Jerusalém.²²⁴

Diversos autores poderiam ser acrescentados a esta lista que consideram o acontecimento da maldição da figueira como uma "ação parabólica". Embora alguns usem nomenclatura diferente, o sentido é o mesmo. A pergunta que decorre desta

²²¹ CIVIT, I. G. *El Evangelio segun san Mateo*, p. 347. Cranfield também trata o acontecimento como uma "parábola encenada" (Apud MOTYER, J. A. *Fruto*. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 891).

²²² DAVIES, W. D. *A critical and exegetical commentary on the Gospel according to saint Matthew*, p. 148.

²²³ RIENECKER, F. *Evangelho de Mateus*, p. 353. Troadec é da mesma opinião: "Jesus ao maldizer a figueira realiza um gesto profético" (TROADEC, H. *Evangelho segundo S. Mateus*, p. 176).

²²⁴ ANDERSON, H. *The new century bible commentary: the Gospel of Mark*, p. 263.

identificação é "o que exatamente Jesus quis ensinar através desta ação *parabólica*?"

Schnackenburg propõe que

Ao servir-se da maldição da figueira (v. 14) e do fenecimento (v. 20s) da figueira para emoldurar a expulsão dos vendilhões do Templo, Marcos evidencia ainda com mais clareza as suas intenções; o evangelista aproveita repetidamente esse recurso literário (cf. 5.21-43; 6.12s com 6.30; 14.54 com 14.66-72). Para ele, a esterilidade e o ressequimento da figueira estão em proporção direta com a ação de Jesus no Templo. [...] trata-se do juízo sobre o Judaísmo descrente e "estéril".²²⁵

A figueira, portanto, é uma parte integrante das ações parabólicas de Jesus em Jerusalém, na qual ele retrata o julgamento de Deus na vida religiosa e estéril de Israel. Deus age em julgamento porque ele toma o pecado seriamente, inclusive o pecado cometido em nome da devoção.²²⁶

A. T. Robertson, em sua obra "Imágenes verbales en el Nuevo Testamento", considera a maldição da figueira como um ato de intenção parabólica, sendo a árvore na mente de Cristo um símbolo da nação judaica, com uma grande exibição de religião, mas nenhum fruto de verdadeira piedade.²²⁷

Smith lembra que a expressão 'não havia frutos' é uma frase melancólica em toda Escritura, particularmente em Mateus (cf. 3.8-10; 7.16-20; 12.33; 13.8,23; 21.34,43; Jr 8.13; Lc 13.6-

²²⁵ SCHNACKENBURG, R. O evangelho segundo Marcos, vol. 2, p. 132.

²²⁶ MULHOLLAND, D. M. Marcos: introdução e comentário, p. 173-174.

²²⁷ ROBERTSON, A. T. Imágenes verbales en el Nuevo Testamento, vol. 1, p. 179.

9).²²⁸ Petersen, ao comentar sobre a sentença de Jesus sobre a figueira 'Ninguém mais coma de seu fruto', afirma que "o povo escolhido de Deus fora pesado na balança, e achado em falta".²²⁹

Motyer confirma:

O amaldiçoamento da figueira não é, portanto, um evento isolado e incidental; pelo contrário, é uma parte integrante dos atos simbólicos da visita final de Jesus a Jerusalém, a começar com a entrada triunfante em Jerusalém, montado sobre o jumento no primeiro Domingo de Ramos. Simboliza o julgamento pronunciado sobre a nação por causa de seu estado estéril, e se condiz com a purificação do templo que ocorreu na mesma ocasião.²³⁰

Segundo o evangelho de Marcos, o julgamento do templo com os seus responsáveis está no centro das atenções, desde o início do capítulo 11. Havia por um lado a "folhagem", representando a grandiosidade arquitetônica do templo (Mc 13.1,2) e sua organização econômica (11.15-16). Mas, infelizmente quem olhava de perto não encontrava "frutos", antes endurecimento (11.33), planos secretos de assassinato (12.12), fingimento e falsidade (12.13-15), cegueira instruída (12.24-27) e infâmia sob o manto da dignidade (12.38-40).²³¹

Bruce, que considera o acontecimento como uma parábola dramatizada, afirma que, "para Jesus, a figueira, vistosa mas

²²⁸ SMITH, R. H. *Matthew*, p. 249.

²²⁹ PETERSEN, H. *Estudo sobre Marcos*, p. 111.

²³⁰ MOTYER, J. A. *Fruto*. In: *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, p. 891. Zahn é da opinião de que a figueira é símbolo, não de Israel, mas de Jerusalém (ZAHN, T. *Einleitung in das Neue Testament*, p. 616).

²³¹ POHL, A. *Evangelho de Marcos*, p. 327.

improdutiva, representava fielmente a cidade de Jerusalém, onde achara tanta observância religiosa mas nenhuma responsividade à mensagem que da parte de Deus lhe transmitira". O destino da figueira, quando se secou totalmente, era presságio do que haveria de vir sobre a cidade em pouco tempo, conforme previsão e predição do próprio Cristo.²³²

Jesus estava se dirigindo a Jerusalém, naquela segunda-feira da última semana antes de sua morte. Viera para a sua nação e fora rejeitado. Agora devia rejeitar a nação. O milagre de amaldiçoar a figueira demonstra o fato de Lhe estar entregue todo o julgamento e que não era poderoso apenas para salvar, mas também, para destruir.²³³

O gesto parabólico de Jesus foi uma encenação, em clima de iminência escatológica, de um tema que domina toda esta trajetória final de Jesus: a nação de Israel, representada concretamente por Jerusalém, era uma planta que não havia dado fruto, e, por isso, estava sendo reprovada.²³⁴

Para Mateos e Camacho, a figueira é figura do templo. Quando Jesus dá a sentença "Ninguém mais coma de seu fruto", confirma para sempre, na opinião destes autores, a esterilidade da instituição. Acabou o seu papel histórico.²³⁵

²³² BRUCE, F. F. Merece confiança o Novo Testamento?, p. 96.

²³³ BOYER, O. O evangelho do Servo do Senhor, p. 157.

²³⁴ CIVIT, I. G. El evangelio según san Mateo, p. 346.

²³⁵ MATEOS, J.; CAMACHO, F. Marcos: texto e comentário, p. 263.

Os diversos autores divergem entre si se a figueira representa especificamente o Templo, a cidade de Jerusalém, a nação Judaica, o Judaísmo, os líderes, ou o Israel como povo escolhido de Deus. O que fica claro, entretanto, é que o sistema como um todo está corrompido e estéril. A missão não está sendo cumprida e por isso precisa ser rejeitado.

3.6 A aplicação da Maldição da Figueira

No dia seguinte, ao passarem novamente pela figueira, os discípulos percebem o que acontecera e indagam Jesus sobre o ocorrido. *"Mestre! Vê! A figueira que amaldiçoaste secou!"* (Mc 11.21).²³⁶ A resposta de Jesus é em termos de fé e oração: *"Tenham fé em Deus. Eu lhes asseguro que se alguém disser a este monte: 'Levante-se e atire-se no mar', e não duvidar em seu coração, mas crer que acontecerá o que diz, assim lhe será feito. Portanto, eu lhes digo: Tudo o que vocês pedirem em oração, creiam que já o receberam, e assim lhes sucederá"* (Mc 11.22b-24). Jesus lhes propõe que a oração seria a principal arma para o seu serviço. O que Jesus acabara de fazer foi um ato de autoridade, e esta autoridade eles deviam recebê-la através da oração.²³⁷

²³⁶ Em Mateus, que relata o episódio como acontecendo num só dia, vê-se a indagação: "Como a figueira secou tão depressa?" Tasker, ao comentar esta indagação, afirma que Jesus lhes explica que no mundo sobrenatural os processos comuns do tempo muitas vezes são irrelevantes. O próprio discípulo dotado do poder sobrenatural da fé pode conseguir resultados que, sem a fé e a oração, estariam completamente fora do seu alcance (TASKER, R. V. G. Mateus, p. 160).

²³⁷ ALEXANDER, H. E. O evangelho segundo Marcos, p.103.

Jesus fala aos discípulos da necessidade de terem fé, uma fé simples, cuja ausência foi a causa da esterilidade frondosa de Israel. Se tivesse estado presente e tivesse sido ativa, Israel não estaria assim.²³⁸

Battaglia lembra que as exortações sobre a fé e a oração não se ligam bem com o episódio da figueira. As duas partes parecem estar ligadas entre si mediante o artifício da "palavra-lembrete" (cf. Mc 9.33-50) e que em parte tem uma colocação diversa nos outros sinópticos. O autor afirma ainda que "o secamento da figueira não se deve nem à fé nem à oração de Jesus, mas às suas palavras de maldição". Talvez, como em Mc 9.28, se insinue que "o comportamento autoritário do Mestre deve ser considerado uma exceção e o recurso à oração confiante, ao invés, regra para os seus seguidores".²³⁹

A ação parabólica de Jesus é primeiramente um gesto que significa a rejeição dos judeus descrentes, mas é ao mesmo tempo uma ameaça do juízo punitivo concreto. "O pior de tudo é o fenecer 'interior', o amortecer da fé verdadeira, que, não obstante toda a piedade exterior, todo o culto esplendoroso, esteriliza e é reprovável aos olhos de Deus".²⁴⁰ A palavra de Jesus, portanto, intima todo ser humano a fugir da

²³⁸ EDERSHEIM, A. *La vida y los tiempos de Jesus el Messias*, vol. 2, p. 325.

²³⁹ BATTAGLIA, O. *et. al. Comentário ao evangelho de São Marcos*, p. 108.

²⁴⁰ SCHNACKENBURG, R. *O evangelho segundo Marcos*, vol. 2, p. 133.

esterilidade e, sob quaisquer circunstâncias, ser permanentemente fecundo.²⁴¹

A instrução personalizada aos discípulos, parece afastar-se do tema. Contudo, a fé, a oração e o perdão, essas três coisas interligadas, tornam fecunda a "nova figueira", representada pela comunidade dos que seguem Jesus. A figueira vistosa, porém estéril, secou. Mas, ainda não era o fim de tudo. Uma nova figueira surgiria (compare com Mc 12.9), que teria como característica ou centro de sua vida não um Templo, mas a adesão incondicional a Jesus (fé), uma fé que vem do mais profundo da pessoa.²⁴²

Boyer afirma que "estas coisas foram escritas, não somente para os judeus, mas 'para nosso ensino'" (cf. Rm 15.4). Ele continua:

Não corre perigo todo ramo, sem fruto, da Igreja de Cristo? Quantas igrejas têm apenas folhas? Enfeitadas de templos suntuosos, de sermões eloqüentes, de formalismo organizado, mas sem o poder do Espírito Santo, ficam infrutíferas e sentenciadas a secar até as raízes. [...] A secura é o julgamento da esterilidade. A cura, disse Jesus, é ter fé em Deus, fé viva e prática em Deus que é o mesmo ontem, hoje e para todo o sempre.²⁴³

Ryle concorda, afirmando que cada ramo infrutífero da igreja visível de Jesus Cristo está em perigo de se tornar uma figueira seca. Altos privilégios e posições eclesiásticas, desacompanhadas de santidade entre o povo; confiança exagerada

²⁴¹ CHOURAQUI, A. Marcos: o Evangelho segundo Marcos, p. 174.

²⁴² BORTOLINI, J. O evangelho de Marcos, p. 214-215.

²⁴³ BOYER, O. O evangelho do Servo do Senhor, p. 158.

em concílios, bispos, liturgias e cerimônias, enquanto o arrependimento e a fé são negligenciados. Tais coisas têm aniquilado muitas igrejas no passado, e podem ainda destruir muitas outras mais.²⁴⁴ Ryle, finalmente, aplica o episódio à vida individual de cada cristão:

Por fim, não está uma pessoa que se diz cristã, mas não produz fruto algum em um perigo terrível, podendo tornar-se uma figueira seca? Não há que duvidar disso. Enquanto se contenta com a mera folhagem da religião, a alma da pessoa está em grande perigo. Enquanto se satisfazer em ir à igreja e participar da Ceia do Senhor, e ser chamado 'cristão'; enquanto seu coração não tiver sido transformado e não houver abandonado os seus pecados, neste tempo está diariamente provocando a Deus a cortar a árvore irremediavelmente. Fruto, fruto - o fruto do Espírito é a única prova segura de que estamos unidos a Jesus Cristo, salvos, e a caminho do céu. Que este pensamento lance raízes profundas em nossos corações e jamais seja esquecido.²⁴⁵

Os evangelistas Mateus e Marcos relatam o episódio da maldição da figueira. Apesar de haver diferenças nos relatos, inclusive cronológicas, trata-se do mesmo acontecimento, e o mesmo não deve ser confundido com a parábola relatada por Lucas (13.6-9).

O fato se dá na última semana do ministério de Jesus, no ínterim das suas visitas ao templo em Jerusalém. A figueira é amaldiçoada no caminho entre Betânia, a três quilômetros da capital, onde passava a noite na casa de seus amigos, e

²⁴⁴ RYLE, J. C. Meditações no Evangelho de Mateus, p. 178.

²⁴⁵ *Ibidim*, p. 179.

Jerusalém, onde concentrou as atividades finais do seu ministério e onde também foi crucificado.

A maldição da figueira é considerada por diversos autores, apesar de às vezes utilizarem nomenclatura diferente, como uma *ação parabólica*, através da qual Jesus transmitiu um ensino específico. Este acontecimento encontra-se um pouco fora da normalidade das atitudes de Jesus, e, por isso, só pode ser compreendido quando se verifica o ensino parabólico por trás do mesmo.

A figueira muitas vezes, no Antigo Testamento, é utilizada como símbolo para Israel, e a mente treinada dos discípulos facilmente poderia fazer esta associação. Além disto, tanto o *frutificar* de uma planta quanto a *esterilidade* da mesma tinham seus significados bem estabelecidos.

O povo escolhido por Deus estava sendo visitado. Nele procurava-se algum fruto. Mas nada foi encontrado. Alguma coisa precisava ser feita. Quando Jesus procura na figueira, símbolo de seu povo, algum fruto para comer e nada encontra além de folhas, e a amaldiçoa para que nunca mais frutifique, a semelhança com a circunstância em que a nação, o templo e o judaísmo se encontram é muito óbvia para que não se faça esta associação.

Quando a figueira começa a brotar, a folhagem vem acompanhada de pequenos figos verdes que são comestíveis, embora não muito

apreciados, e têm a função principal de acusar que a figueira terá uma produção em abundância. Israel, com sua capital Jerusalém e o seu Templo, apresentavam uma exuberância através da sua folhagem, mas não apresentavam nenhum fruto e nem promessa de que iriam frutificar.

A maldição de Jesus, fazendo com que aquela figueira nunca mais produzisse fruto, significa que Israel como povo escolhido estava sendo rejeitado. Uma "nova figueira" iria surgir, não ao redor de um templo e de um sistema sacrificial, mas, sim, através da adesão espontânea e incondicional a Jesus, através da fé.

CONCLUSÃO

As parábolas, tanto relatadas como dramatizadas, foram um recurso largamente utilizado pelos profetas e, especialmente, pelo Senhor Jesus Cristo. A semelhança entre as parábolas relatadas e as ações parabólicas fica evidente, podendo ser estudadas de forma paralela, relacionando diversos aspectos entre as mesmas.

Assim como a parábola relatada não é simplesmente uma ilustração de uma verdade, mas é a própria mensagem proferida, também a ação parabólica vem a ser a própria mensagem do profeta ou de Cristo. Portanto, não é apenas um meio de proclamação, mas a própria proclamação.

No Antigo Testamento, percebe-se que os profetas utilizaram freqüentemente este recurso, podendo ser alistados mais de trinta situações que podem ser identificadas como ações parabólicas. No Novo Testamento, João Batista e o profeta Ágabo podem ser relacionados, mas principalmente Jesus, que por diversas vezes fez uso deste meio.

O propósito das ações parabólicas está intimamente ligado ao das parábolas relatadas. Jesus afirma que para alguns é dado conhecer o mistério do Reino de Deus (Mc 4.11). Assim, as parábolas servem para esclarecer e revelar. Não obstante, quando o coração das pessoas está endurecido e incrédulo, as mesmas parábolas servem para ocultar e obscurecer a mensagem.

Além disto, as ações parabólicas servem como meio didático, para reforçar e sublinhar a palavra do profeta.

Diversas características podem ser identificadas nas ações parabólicas. Atividades ou costumes do cotidiano eram utilizados, um pouco de suspense e questões de conflito ou contraste, mas, principalmente, estava presente a evocação de uma resposta por parte das pessoas que viam e ouviam a ação parabólica.

Analisando a forma do relato das ações parabólicas, pode-se perceber que uma mescla de narrativa e diálogo estão presentes no estilo do gênero. Na parte narrativa predominam a terceira pessoa gramatical e verbos no passado, especialmente no tempo aoristo. Na parte de diálogo, predomina a interação entre a primeira e segunda pessoa gramatical e verbos no tempo presente e futuro.

Percebe-se também que uma pergunta retórica ou uma sentença declarativa fazem parte do relato da ação e ajudam na interpretação da mesma. Quanto à semântica, a ação parabólica é relativa, mas vem acompanhada de verbos que expressam movimento. Finalmente, é peculiar a presença de metaníveis no texto, tendo um duplo ou até triplo significado.

Para se verificar a historicidade de uma ação parabólica, deve-se utilizar os critérios gerais de análise histórica, como a antiguidade das fontes, a atestação múltipla, a

descontinuidade, a continuidade, a explicação necessária e o estilo de Jesus.

Para interpretar uma parábola é essencial a busca sincera pela verdade, a consideração do contexto onde a parábola está inserida, um estudo do fundo cultural e dos costumes utilizados, uma exegese a partir dos textos originais, a determinação do significado dos símbolos presentes na mesma, uma relação com a teologia bíblica como um todo, e a capacidade do intérprete de atualizar o significado dos princípios que estão por trás da parábola.

No caso das ações parabólicas do Antigo Testamento, muitas são interpretadas no próprio texto. No caso das ações parabólicas de Jesus, sempre está presente o elemento da necessidade de reflexão e resposta por parte do ouvinte/assistente. Assim, a interpretação não está necessariamente presente no texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, H. E. O evangelho segundo Marcos: ou "o filho do homem que não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos". São Paulo: Casa da Bíblia, 1953. 168 p. (Série: Caderno de Cultura Bíblica, 3).

ALEXANDER, H. E. O evangelho segundo Mateus: ou grande rejeição e suas conseqüências. São Paulo: Casa da Bíblia, 1953. 176 p.

ALMEIDA, Antônio. Hermenêutica Bíblica. São Paulo: Presbiteriana, 1979. 110 p.

ANDERSON, Hugh. The Gospel of Mark. Grand Rapids: Eerdmans; London: Marshall, Morgan & Scoth Publ., 1994. 366 p. (Série: *The new century bible commentary*).

ANTONIAZZI, Alberto. O segredo que poucos alcançam. In: ESTUDOS BÍBLICOS. Ele caminha a vossa frente. Petrópolis, São Bernardo do Campo e São Leopoldo: Vozes, Metodista e Sinodal, 1989. 93 p.

AUSTEL, H. J. שְׁקִמָּה In: HARRIS, R. L. et. al. (orgs). Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.

BAILEY, Kenneth. As parábolas de Lucas. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 381 p.

BALLARINI, Teodorico; BRESSAN, Gino. O profetismo bíblico: uma introdução ao profetismo e profetas em geral. Trad. Oswaldo Antônio Furlan. Petrópolis: Vozes, 1978. 71 p.

BATTAGLIA, Oscar. et. al. Comentário ao evangelho de São Marcos. Petrópolis: Vozes, 1978. 155 p.

BAUDLER, Georg. A figura de Jesus nas parábolas. Trad. João Resende Costa. Aparecida: Santuário, 1990. 326 p.

BEA, Agostinho. A historicidade dos evangelhos. São Paulo: Paulinas, 1967. 94 p.

BERGER, Klaus. As formas literárias do Novo Testamento. Trad. Fredericus Antonius Stein. Belo Horizonte: Loyola, 1984. 366 p.

BOOR, Werner de. Atos dos Apóstolos: Comentário Esperança. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: EEE, 2003. 375 p.

BORNKAMM, Günther. Jesus de Nazaré. Trad. José dos Santos Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 1976. 194 p.

BORTOLINI, J. O evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos. São Paulo: Paulus, 2003. 278 p. (Série: Bíblia e cotidiano).

BOYER, Orlando. Marcos, o evangelho do Servo do Senhor. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, [19--]. 225 p.

BRUCE, F. F. Merece confiança o Novo Testamento? Trad. Waldir Carvalho Luz. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. 155 p.

CAMARGO, Sátilas do Amaral. Ensinos de Jesus através de suas parábolas. 2.ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1970. 189 p.

CHAMPLIN, Russell Norman. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. 5.ed. São Paulo: Hagnos, 2001. 6 volumes.

CHOURAQUI, André. Marcos: o Evangelho segundo Marcos. São Paulo: Imago, 1996. 262 p. (Série: Bereshit).

CIVIT, Isidro Goma. El evangelio segun san Mateo. Barcelona: Facultad de Teologia de Barcelona, 1980. 774 p.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (edits). Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

COLEMAN, William L. Manual dos tempos e costumes bíblicos. Trad. Miriam Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1991. 360 p.

DANIEL-ROPS, Henry. A vida diária nos tempos de Jesus. Trad. Neyd Siqueira. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. 322 p.

DAVIES, W. D. A critical and exegetical commentary on the Gospel according to saint Matthew. Edinburgh: T. & T. Clark, 1988-1997. 3 vol. (Série: The Internacional Critical commentary on the Holy Scriptures of the Old and New Testaments).

DOUGLAS, J. D. (edit.) O novo dicionário da Bíblia. Trad. João Bentes. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1680 p.

DOUGLAS, J. D. Figo, Figueira. In: DOUGLAS, J. D. (org.) O novo dicionário da Bíblia. Trad. João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1680 p.

DRANE, John. Jesus: sua vida e seu evangelho para o homem de hoje. Trad. Alexandre Macintyre. 2.ed. São Paulo: Paulinas. 1982. 212 p.

DUPONT, Jacques. Por que parábolas? Trad. do Mosteiro da Virgem. Petrópolis: Vozes, 1980. 90 p.

EDERSHEIM, Alfred. La vida y los tiempos de Jesus el Messias. Tomo I e II. Trad. Xavier Vila. Barcelona: CLIE, 1988. 841 p. e 853 p.

EGGER, Wilhelm. Metodologia do Novo Testamento. 3.ed. Trad. Johan Konings e Inês Borges. Belo Horizonte: Loyola, 1993. 238 p.

ELWELL, Walter A. (edit). Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. 3 vols.

FAIBARN, Patrick. La profecía, su naturaleza, función e interpretación. Trad. Xavier Vila. Barcelona: CLIE, 1985. 376 p.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. Entendes o que lês? São Paulo: Vida Nova, 1984. 330 p.

FOHRER, Georg. Die symbolischen Handlungen der Propheten. Zürich: Zwingli-Verlag, 1953. 107 p.

FOHRER, Georg. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: PROFETISMO: coletânea de estudos. São Leopoldo: Sinodal, 1985. 261 p.

FUNK, Robert W. Parables and presence: forms of the New Testament tradition. Philadelphia: Fortress Press, 1982. 206 p.

GALLARDO, Carlos Bravo. Galiléia Ano 30: para ler o evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 1996. 191 p. (Série: Estudos Bíblicos).

GILHUIS, Pedro. Como interpretar a Bíblia. 2.ed. Brasília: Cristã Unida, 1980. 305 p.

GOWER, Ralph. Usos e costumes dos tempos bíblicos. Trad. Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 393 p.

GUNDRY, Robert H. Mark: a commentary on his apology for the cross. Grand Rapids: Eerdmans, 1992. 1069 p.

GUTBROD, Karl. Ein Weg zu den Gleichnissen Jesu. Stuttgart: Calwer Verlag, 1967. 50 p.

HAMILTON, V. פְּנֵי In: HARRIS, R. L. et. al. (orgs). Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.

HARNISCH, Wolfgang. Las parábolas de Jesus. Trad. Manuel Olasagasti. Salamanca: Sigueme, 1989. 291 p. [NT 65-8/70a]

HOOVER, R. L. Os Evangelhos: o que Jesus fez e ensinou. 2.ed. Campinas: EETAD, 1988. 167 p.

HUNTER, A. M. El evangelio según san Marcos: introducción y comentario. Bueno Aires: La Aurora; México: Casa Unida de Publicaciones, 1960. 191 p.

JEREMIAS, Joachim. As parábolas de Jesus. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1970. 238 p.

JEREMIAS, Joachim. Die Gleichnisse Jesu. 4.ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1956. 208 p. (p. 192 e 193 => ver texto e notas) [NT 65-8/22C]

JEREMIAS, Joachim. Rediscovering the parables: a landmark work in New Testament interpretation. New York: SCM, 1966. 191 p.

JEREMIAS, Joaquim. Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. Trad. M. Cecília de M. Duprat. 3.ed. São Paulo: Paulus, 1983. 512 p.

KISTEMAKER, Simon J. As parábolas de Jesus. Trad. Eunice Pereira Souza. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. 308 p.

KONINGS, Johan. Jesus nos Evangelhos Sinópticos. Petrópolis: Vozes, 1977. 149 p.

KOSMOS und Ekklesia: Festchrift fuer Wilhelm Staehlin zu seinem siebzigsten Geburtstag. 24/09/1953. Trad. Heinz Dietrich Wendland. Kassel: Johannes Stauda Verlag, 1953. 277 p.

KRUEGER, René; CROATTO, J. Severino. Metodos exegeticos. Buenos Aires: Publicaciones Educab, 1993. 269 p.

KUNZ, Claiton André. Interpretação de parábolas. In: Vox Scripturae: revista teológica brasileira. Vol. XII, número 1. São Bento do Sul: União Cristã, 2004. p. 3-24.

LACHS, Samuel Tobias. A rabbinic commentary on the New Testament: the gospels of Mathew, Mark and Luke. Heboken: KTVA; New York: ADL, 1987. 468 p.

LAMBIASI, F. Autenticidade histórica dos Evangelhos: estudo de criteriologia. São Paulo: Paulinas, 1978. 264 p.

LÉON-DUFOUR, Xavier. Os evangelhos e a história de Jesus. São Paulo: Paulinas, 1972. 543 p.

LETE, Gregorio del Olmo. La vocación del lider en el Antiguo Israel. Salamanca: Universidad Pontificia, 1973. 467 p.

LOHFINK, Gerhard. Agora entendo a Bíblia: para você entender a crítica das formas. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1978. 172 p.

LURKER, Manfred. Dicionário de figuras e símbolos bíblicos. Trad. João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1993. 299 p.

MANSON. Teaching. In: BAILEY, Kenneth. As parábolas de Lucas. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 381 p.

MARTÍNEZ, José M. Hermeneutica Bíblica. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1984. 586 p.

MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. Marcos: texto e comentário. São Paulo: Paulus, 1998. 390 p. (Série: Comentários Bíblicos).

MONLOUBOU, Louis. Os profetas do Antigo Testamento. Trad. Benoni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1986. 84 p.

MOTYER, J. A. Fruto. In: COENEN, L.; BROWN C. (orgs). Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

MOUNCE, Robert H. Mateus. Trad. Osvaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1996. 280 p. (Série: Novo Comentário Bíblico Contemporâneo).

MULHOLLAND, Dewey M. Marcos: introdução e comentário. Trad. Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, [199-]. 240 p.

MYERS, C. O evangelho de São Marcos. São Paulo: Paulinas, 1992. 570 p. (Série: Grande Comentário Bíblico).

NASCENTES, A. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: [s.n.], 1955. p. 374.

NEAL, Charles L. Parabolas del Evangelio. Buenos Aires: CBP, 1972. 144 p.

PALAVRA de Deus, palavra da gente: as formas literárias na Bíblia. Org. Maria Paula Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2004. 181 p.

PATTE, Daniel. The Gospel according to Matthew: a structural commentary on Matthew's fait. Philadelphia: Fortress, 1987. 432 p.

PEISKER, C. H. Parábolas. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (edits). Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

PETERSEN, H. R. Estudo sobre Marcos. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962. 184 p.

POHL, Adolf. Evangelho de Marcos. Trad. Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 467 p. (Comentário Esperança).

RAMOS, Felipe F. El primer Evangelio: Marcos, heraldo da buena noticia. Salamanca: Universidade Pontifícia de Salamanca, 1991. 293 p. (Série: Teologia em diálogo, 3).

RIENECKER, Fritz. Das Evangelium des Markus. 3. ed. Wuppertal: Verlag R. Brockhaus, 1967. 288 p. (Série: Wuppertaler Studentbibel).

RIENECKER, Fritz. Evangelho de Mateus. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 460 p. (Comentário Esperança).

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. Chave lingüística do Novo Testamento grego. Trad. Gordon Chown e Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1988. 639 p.

ROBERTSON, Archibald Thomas. Imágenes verbales en el Nuevo Testamento: Mateo y Marcos. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1988. Vol. 1. 416 p.

ROBINSON, Theodore H. The gospel of Matthew. New York: Harper and Brothers, [19--]. 237 p. (Série: *The Moffatt New Testament Commentary*).

RYLE, J. C. Meditações no Evangelho de Mateus. 2. ed. São José dos Campos: Fiel, 2002. 263 p.

SCHMID, Josef. Das evangelium nach Markus. 4.ed. Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 1958. 320 p. (Série: *Regensburger Neues Testament*)

SCHNACKENBURG, Rudolf. O evangelho segundo Marcos. Petrópolis: Vozes, 1971-1974. 2 vols. (Série: Novo Testamento).

SCHOLZ, Vilson. Um método de estudar as parábolas de Jesus. In: SIMPÓSIO, vol. 7, ano XXI, n° 33, ASTE, dez/1999.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. Metodologia de exegese bíblica. São Paulo: Paulinas, 2000. 515 p.

SMITH, Robert H. Matthew. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1989. 351 p. (Série: *Augsburg commentary on the New Testament*).

STADELMANN, H. Schriftgemäß predigen: Plädoyer und Anleitung für die Auslegungspredigt. 2.ed. Wuppertal. Zurich: Brockhaus, 1991. 228 p.

STÄHLIN, G. Die Gleichnishandlungen Jesu. In: KOSMOS und Ekklesia: Festchrift fuer Wilhelm Staehlin zu seinem siebzigsten Geburtstag. 24/09/1953. Trad. Heinz Dietrich Wendland. Kassel: Johannes Stauda Verlag, 1953. 277 p.

STEIN, Robert H. The method and message of Jesus' teachings. Philadelphia: Westminster, 1978. 188 p.

TASKER, R. V. G. Mateus: introdução e comentário. Trad. Odair Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1991. 229 p.

THAYER, Joseph Henry. Greek-English Lexicon of the New Testament. Grand Rapids, Michigan: Zondervan: 1974. 726 p.

TRENCH, Richard Chevenix. Notas sobre las parabolos de nuestro Señor. Trad. Alejandro Aracena y Guillermo Serrano. Grand Rapids, Michigan: TELL, 1987. 187 p.

TROADEC, H. Evangelhos segundo S. Mateus. Lisboa: Livraria Sampedro, 1968. 242 p.

TURNBULL, Rodolfo G. (edit). Hermeneutica: diccionario de teologia practica. Trad. Norberto Wolf. Buenos Aires: Escaton, 1976. 96 p.

VERMES, Geza. Jesus, o judeu. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Loyola, 1990. 231 p.

WEGNER, Uwe. Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia. São Leopoldo e São Paulo: Sinodal e Paulus, 1998. 408 p.

WHITEHOUSE, Owen C. Costumes orientais: antiguidades bíblicas. Trad. Jorge Goulart. [S.l.]: União Cultural, 1950. 142 p.

YOUNGBLOOD, R. F. תַּאֲנָה In: HARRIS, R. L. et. al. (orgs). Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.

ZAHN, Theodor. Einleitung in das Neue Testament. Leipzig: Deichert'sche Verlagsbuchhandlung, [19--].

ZIMMERMANN, Heinrich. Los métodos histórico-criticos en el Nuevo Testamento. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1969. 305 p.

ZUCK, Roy B. A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia. Trad. César Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994. 356 p.

ZUURMOND, Rochus. Procurais o Jesus histórico? São Paulo: Loyola, 1998. 127 p.